

UM TAL DE DOM QUIXOTE

de Cleise Mendes e Márcio Meirelles
a partir de Miguel de Cervantes
e dos atores da Companhia Teatro dos Novos
e do Bando de Teatro Olodum

ATO I

1 - ABERTURA

Introdução musical

Entram todos os atores e se espalham pelo palco. Dom Quixote anda em outro ritmo, mais lento. O Coro e as narradoras se organizam em grupos. As Amas vão para sua área de trabalho, começam a desdobrar panos. O Bando se espalha mostrando seus personagens. Dom Quixote sobe na cama.

NARRADORA C - *Canta.*

**Aventuras, armaduras
Batalhas, beligerâncias
Castelos, quimeras, cavaleiros
Duelos, disputas, desatinos.**

Narradora T sai do seu grupo e começa a olhar o teatro, fascinada.

**Aventuras, armaduras
Espadas, escaramuças,
Fama, fortuna, façanhas,
Pendências, paixões e perigos...**

Fim da Música

NARRADORA T - *Para o público.*
Muito bem, senhoras e senhores.
Estamos prontos.

Eis o teatro.

Mais uma vez ocupamos a nossa trincheira. Dentro dela somos indestrutíveis. Somos soldados, operários, aventureiros, cavaleiros.

Eis o Teatro.

Para reerguê-lo, usamos certa mistura mágica de concreto armado, sangue, suor e teimosia.

Eis o teatro.

Nós agora o entregamos a vocês em carne e espírito. Máquina e memória. Hardware and software. Seu corpo robusto de madeira e metal e sua alma efêmera que se esvai a cada noite, e na noite seguinte recomeça. Pois bem, recomeçamos...

Eis o teatro.

Nós o contruímos aprendendo a ser arquitetos de nosso próprio destino. Assim como fez certa vez um certo cavaleiro chamado Dom Quixote de La Mancha. Estamos aqui para falar dele. Não exatamente daquele que está gravado nas páginas indelévels de Cervantes. Mas do que havemos de gravar na tela de suas retinas. Vamos falar de um tal de Dom Quixote. Um homem que tinha o inacreditável Dom de acreditar em seus próprios sonhos. Se você já teve esse “Dom”, num instante qualquer de sua vida, venha cavalgar o corcel da mais alta fantasia.

Música – Introdução

Mas esteja preparado para tombos, tropeços e trapaças! Porque vamos falar de sonhos. E de concreto armado.

Eis o teatro.

CORO - **Os nossos dotes nem sempre
São bons.**

**Ainda bem que temos outros dons:
O dom de sonhar, o dom de ser forte
O dom de lutar desafiando a morte
O dom de saber que se tem outros
dons**

**O Dom de ter algum DOM
que se chame QUIXOTE!**

2 – A CRIAÇÃO DA PERSONAGEM

As Amas dobram grandes panos brancos no primeiro balcão.

SIOMARA- Tô aqui encafifada...

ADÉLIA - Encafifada com o que?

SIOMARA - Seu Quixana... que deu de vender as terras para comprar livros. Não sei pra que ele quer tanto livro.

ADÉLIA - Pra ler, ora essa!

SIOMARA - Ele vai queimar os miolos de tanto ler. Meteu na cabeça que vai sair pelo mundo ajudando os outros. Diz que vai ser cavaleiro errante...

ADÉLIA - Andante!

SIOMARA - Andante, errante... Tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. O velho diz que vai s'imbora e a gente vai ficar sem serviço, sem nada... Ele vai s'imbora. E não vai dar nem aviso prévio pra nós.

ADÉLIA - Não vai embora nada.

Pausa na música

DOM QUIXOTE – Basta! Chega de viver nesse domingão sem fim. O mundo precisa é de cavaleiros andantes! É preciso reparar as injustiças, socorrer os necessitados, defender a ética como se fosse uma donzela em perigo. Cavaleiro andante serei para servir aos séculos futuros. Primeiro passo: às armas!

Volta a música

As amas continuam a dobrar os panos.

ANA MARIA - *Entra espirrando*
Diacho! Eu não aguento mais. Desde de manhãzinha que eu estou naquele quartinho com Seu Quixana, limpando aquelas arma véia que foi do avô dele. Diz ele que vai s'imbora.

SIOMARA - Ói!...

ANA MARIA - Eu não vou limpar é mais nada. *Ajudando também a dobrar os panos.*

ADÉLIA - Se ele mandou, tem que limpar.

SIOMARA - Tá reclamando de que? Agradeça a Deus que a gente ainda tem serviço.

ANA MARIA - Não tô recramando né de trabaio... O veio ta magrinho... também, nem dorme... passa a noite toda lendo. E agora tá lá limpando essas armas. Ele vai ficar maluco!...

CORO

*Usando seu alto engenho,
e armado da fantasia
tonta de tanta leitura,
pra sonhar já não dormia.
Preparou-se para a andança:*

*colocou a mão na massa,
de latas fez armadura
de um espeto a sua lança.*

Fim da Música

NARRADORA C – É claro que nós sabemos que Dom Quixote era um louco. Mas nós temos juízo. Sabemos que está tudo errado neste mundo. E ficamos parados. Lindos e parados, vendo a miséria ao vivo e cores, pela televisão. Nós temos juízo; e contra o desejo de lutar, inventamos uma arma letal: a indiferença.

Amas continuam a dobrar os panos.

ADÉLIA - *Para Ana Maria.* Vai pegar uma raiz de aipim para o mingau dele!

ANA MARIA - Ah, é? Porque a senhora não sabe como é que tá lá o canteiro de aipim... Todo cheio de bosta de cavalo!...

SIOMARA - Ói, Dona Adélia, ela não quer que o cavalo cague... Bota uma rolha no cu do cavalo, fia. Bota...

ANA MARIA - Se ainda fosse um cavalo!... Mas um bicho magrelo... mais parece uma carcaça, isso sim. *Sai*

ADÉLIA - É cavalo de raça!

SIOMARA - Ôxe... Que cavalo de raça? O bicho é pele e osso. Carne não tem, mas tem nome: é Rocinante.

ADÉLIA - Era Rocim, antes.

DOM QUIXOTE - Segundo passo: a cavalo! *Relinchos*

Ah! Nem adivinhas a tua sorte, felizardo quadrúpede! Para um famoso cavaleiro, é preciso um não menos famoso cavalo. Vais deixar a tua condição de rocim, e cavalgar pelas estradas da fama! Serás o mais lembrado e o mais celebrado dos rocins em toda a redondeza da terra.
Relinchos

Música

CORO - *Sem fé, sem tesão
Não há quem lhe valha,
corcel, alazão,
cavalo de batalha*

*Se você não crê,
é só um pangaré,
mas se anda com fé,
um Rocim assim
é cavalo possante.
Um rocim assim,
Rocinante*

Fim da música

NARRADORA H – O que é um nome afinal? Já perguntava Julieta a Romeu: é um pedaço do seu corpo, como um braço ou uma perna? Não sei. Só sei que, para o nosso cavaleiro, era algo assim como a pele que certos animais têm que trocar para entrar em novo estágio de vida.

Música

Porque ele sentiu de imediato que seu novo eu precisava de um novo nome. E é assim que o pacato cidadão Alonso Quixana passa agora a se chamar... D. Quixote de La Mancha!

CORO - *E como era outro homem
De outro saber, outra sorte
Aproveitou esse mote
E pôs-se sem mais demora
A se chamar Dom Quixote*

Fim da Música

As amas continuam dobrando os panos.

SIOMARA - Ah! Quando eu for s'imbora com o pessoal do circo, também vou mudar de nome, bem bonito! Vou me chamar Suely Tamara, a mulher serpente... Ah...

**Introdução instrumental para a
canção de Dulcinéia**

Coro se desloca para o quarto de Dom Quixote.

**Música – Repete-se a introdução do
tema de Dulcinéia**

NARRADORA T – Qualquer epopéia que se preze não é feita apenas com armas e brasões, cenário e figurinos. É preciso algo que os seres teatrais conhecem bem: motivação. E eis que fazemos entrar em cena a motivação universal, o primeiro motor, aquele que move o sol, as outras estrelas, e também o coração dos cavaleiros andantes – o Amor, que para Dom Quixote só tem um nome: Dulcinéia.

Fim da Música

As amas continuam dobrando os panos.

SIOMARA - Seu Quixana agora diz que tem uma namorada... sei lá, diz que é uma dama... Só se for mulher dama! É uma roceira que nem sabe que ele existe.

ADÉLIA - É uma princesa.

SIOMARA - Princesa...

ADÉLIA - Dulcinéia del Toboso!

SIOMARA - Ninha? *Ana Maria aparece na primeira galeria.* Sabe quem é a princesa Ninha?

ANA MARIA - Você conhece?

SIOMARA - Você também: é Doncinha. Aldonça, lá da vila.

ANA MARIA – *Para narradora H.* A filha de Seu Lourenço?

NARRADORA H – E porque não? O amor é também uma comédia de erros. Depois do primeiro engano pode deixar que o enredo vem por si. Não importa que seja Dulcinéia. O nosso amor agente inventa. E Dom Quixote inventou a sua dama. Deu-lhe nome, identidade e até porte de princesa, pra ver se na realeza, lhe dava realidade...

SIOMARA - *Pegando os panos que dobraram.* Essa roupa é pra passar?

ADÉLIA - Anda, você também. *Sai.*

Música

Siomara abaixa e pega as roupas. Sai. O coro levanta e caminha até Dom Quixote.

Dulcinéia aparece na galeria, e joga pétalas de flores em cima de Dom Quixote. Ele levanta, fica em pé na cama começa a andar para trás. Cai nos braços do coro que começa a cantar.

Dulcinéia começa a se mover e descer das galerias dançando.

Coro carrega Dom Quixote deitado no alto, como num show de rock, como se ele estivesse flutuando em nuvens. Vão até o pé da escada da galeria.

CORO - **Doce idéia, doce idéia
Dona, deusa, diva, déia,
Doce idéia, Dulcinéia**

DOM QUIXOTE - Ó princesa Dulcinéia, dona e senhora deste coração. Guardai em vossa memória as juras do enamorado cavaleiro que neste instante parte para enfrentar o seu destino. Só o vosso amor pode me dar coragem para vencer os desafios e perigos que me aguardam.

Coro coloca Dom Quixote no chão, em frente a Dulcinéia, que acabou de descer. Os dois dançam.

CORO - **Doce idéia, doce idéia
Dona, deusa, diva, déia,
Doce idéia, Dulcinéia**

Solo de Dulcinéia com música instrumental.

DOM QUIXOTE – *No microfone enquanto Dulcinéia continua a dançar sozinha. Mas é claro! Onde já se viu cavaleiro andante sem um nome de mulher na cruz da sua espada? Sem uma dama de alta formosura a quem possa render homenagem? Um cavaleiro andante deve ter uma amada a quem possa venerar e oferecer as suas vitórias. Dulcinéia vai dançando até a porta e sai.*

CORO - **Doce idéia, doce idéia
Dona, deusa, diva, déia,
Doce idéia, Dulcinéia**

Dom Quixote vai dançando em direção à porta por onde Dulcinéia saiu. Coro o segue.

Fim da música

ADÉLIA - *Entrando. Cadê o aipim pro mingau? O aipim! Caminha! Indo em direção a Dom Quixote, chama: Seu Quixana!..*

Introdução musical

Dom Quixote aparece, montado em Rocinante, seguido pelo coro.

DOM QUIXOTE – *Agora é Dom Quixote!*

ADÉLIA - *Seu Quixana!!!... Acode! Seu Quixana vai embora. Volta correndo.*

DOM QUIXOTE - *Afastai-vos! E não tenteis me deter! Vou em busca da glória, e não terei descanso enquanto o meu nome não estiver gravado na voz dos menestréis e nas páginas da História! Adeus!*

CORO - **E quando alguém lhe dizia:
isto é loucura enorme,
Ele então respondia:
Mas o meu sonho não dorme.
O meu sonho não dorme.
Não dorme.**

3 – A PENSÃO DE DOM BARRIGA

A percussão corta o clima do CORO com uma convenção de samba-reggae.

O Bando de Teatro Olodum entra em cena, andando de um lado para o outro. Todos sentam-se em semi círculo. Ficam em cena Jorgete e a Professora. Dom Quixote chega à pensão. Jorgete gesticula muito com os braços, como um travesti performático.

DOM QUIXOTE – *Este castelo deve ser mesmo encantado. Aquela donzela parece estar se transformando em pássaro.*

PROFESSORA – *Em urubu. Sai.*

DOM QUIXOTE - Por favor, formosíssima dama, por obséquio, ide chamar o nobre cavaleiro, senhor deste castelo.

JORGETE - Ah!... Quer falar com Seu Barriga, é? Peraí um momentinho... *Vai saltitando buscar Seu Barriga. Seu Barriga!... Encontra-o e fica alisando o peito dele.* Seu Barriga, tem um coroa aí querendo falar com o senhor.

SEU BARRIGA - Perái, que intimidade é esta? Eu te conheço de onde? Me respeite, ou mando Dona Edna bater sua rescisão. *Vai para Dom Quixote.* Bom dia.

DOM QUIXOTE - *Ajoelha-se.* Nobre cavaleiro, venho cavalgando há dias, e tive a felicidade de me deparar com este castelo...

SEU BARRIGA - Pera aí, rapaz! “Castelo”¹?!! Não chame o meu estabelecimento de castelo, não! Isso aqui é uma pousada decente. Tá vendo alguma mulher-dama por aqui... E levante logo daí! Levante logo daí...

DOM QUIXOTE - Nunca donde estou me levantarei enquanto Vossa Senhoria não prometer atender à minha justa reivindicação.

SEU BARRIGA - *Meio assustado.* O que é, rapaz? Levanta daí. Seja o que for, Levante, levante logo!

DOM QUIXOTE - O que venho solicitar é que amanhã mesmo o senhor me conceda a honra de me sagrar cavaleiro.

SEU BARRIGA - Ah! O senhor quer passar a noite aqui na pousada? Muito bem, temos quartos excelentes. Temos uma suíte presidencial para pessoas como o senhor.

DOM QUIXOTE - Não, passarei esta noite na capela deste vosso castelo velando as armas, e amanhã terá lugar a

cerimônia de sagração. Então se cumprirá o que tanto desejo. Poderei, afinal, seguir por todas as quatro partes do mundo para buscar aventuras em proveito dos necessitados, como cabe à cavalaria e aos cavaleiros andantes, dos quais hei de ser o mais digno representante. Peço licença para me levantar. Onde fica a vossa capela?

SEU BARRIGA - A capela?... Venha, aqui temos um local apropriado: o altar de São Jorge Guerreiro. Pode passar a noite aí, mas a tarifa é a mesma que a da suíte presidencial, já que o senhor é um cavaleiro. Amanhã a gente resolve tudo. *Sai.*

4 - A VISÃO

Música

Os atores do bando, ainda no semi círculo, se deitam para dormir.

Dom Quixote espalha suas armas pelo chão: um macacão, um capacete, luvas e botas de operário. Um pedaço de cano de PVA, uma bacia e uma espada. Ajoelha-se diante de tudo isso. O Coro se transforma em dois dragões, um em cada lado da primeira galeria. Dragão 1 avança dançando, o Dragão 2 repousa na escada.

CORO - **Desterrados, desvalidos, destelhados despedidos, destroçados, desmedidos, do mundo inteiro, atenção!**

No alto da galeria aparece São Jorge e luta contra o Dragão 1, que, vencido, fica a seus pés. Vira-se para Dom Quixote.

DOM QUIXOTE – São Jorge Guerreiro!

SÃO JORGE - “Cavaleiro do amor!”

- “Sobe à armaria e cinge o teu saio de malha, a eril sapata e o guante!

Arrocha o arnês, empluma o casco; ergue o montante

e enjaula, na viseira, o teu olhar de
 esfinge.
 Vem, desce ao pátio e monta o teu corcel
 possante.
 Enrista a lança audaz, que roça a adarga
 e ringe;
 Transpõe o fosso - e vai, e verte o
 sangue, e tinge
 de goles teu brasão, ó Cavaleiro
 Andante!
 Vai, vence! E, vencedor, dirás: ‘Eu,
 se fui forte,
 se desprezei a vida e se afrontei a morte,
 é que amei, é que amei como ninguém
 mais ama!
 E fiz, pela paixão que neste peito
 encerro,
 meu arnês mais tenaz que o meu amor de
 ferro,
 meu gládio mais fatal que o olhar da
 minha dama!’”²

*O Dragão 1 ganha vida outra vez e São
 Jorge sai de cena lutando contra ele,
 que se une ao Dragão 2, formando um
 só.*

NARRADORA C - *Canta.*

Venham ver o cavaleiro,
 Dom Quixote, o justiceiro!
 Vem sagrado e consagrado,
 de armas e visões assinalado

DOM QUIXOTE – São Jorge Guerreiro,
 protetor dos cavaleiros andantes! Nesse
 instante, faço juramento solene de
 consagrar a força da minha espada ao
 serviço da divina dulcinéia. Cavaleiro do
 amor, sim, sou e serei, pois Dulcinéia faz
 do meu braço o instrumento de suas
 façanhas. A ela pertencerão todas as
 minhas vitórias.

² Poema de Guilherme de Almeida.

5 - A SAGRAÇÃO

Seu barriga e hóspedes começam a aparecer, sonolentos.

SEU BARRIGA - Seu Quixote, acho bom apressar a cerimônia, porque esse negócio de ficar assuntando as armas já passou da hora! Assim pode perder todo o efeito. Vamos logo à cerimônia. Vombora pessoal, ajuda aqui.

Hóspedes começam a vestir Dom Quixote com “as armas”.

DOM QUIXOTE - Eu lhe agradeço. Espero que o senhor tenha experiência desses rituais.

BARRIGA - Mas é lógico! Pois o senhor não sabe que quando jovem eu também fui um cavaleiro andante? Andei pelo mundo caçando aventuras em toda parte... Hoje vivo aqui neste castelo só para dar pousada e batizar os cavaleiros que aparecem...

DOM QUIXOTE - Assim sendo, e dando cumprimento aos desígnios da Providência, eu me coloco em vossas mãos.

BARRIGA - Vamos logo com esse mês de Maria! Deixe eu lhe explicar a ordem do cerimonial. Ela tem duas partes: a ladainha e a espadada. Primeiro eu digo a reza, e o senhor repete as palavras que eu disser. Vamos, repita comigo. *Canta num falso Yorubá enrolado.* Agbê, agbê l ua agbê.

DOM QUIXOTE - Agbê, agbê l ua agbê.

BARRIGA – Xeronê lê o, agbê.

DOM QUIXOTE - Xeronê lê o, agbê.

BARRIGA – Agora eu lhe aplico uma espadada nos ombros: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Neste momento, faz-se a conexão direta entre a Península Ibérica e a Península Itapagipana!

Salve o cavaleiro Dom Quixote de la Mancha!

DOM QUIXOTE - *Erguendo-se* - Que a Fortuna se derrame sobre o vosso castelo! Adeus! Agora posso partir em busca do meu alto destino!

Sobe em Rocinante.

BARRIGA - Espere! E o nosso? Cadê o dinheiro?

QUIXOTE - Dinheiro? Não consta nos livros da cavalaria andante que seus destemidos cavaleiros levassem coisa alguma senão a própria força e coragem para enfrentar as adversidades...

BARRIGA - Aí é que o senhor se engana. Os livros não falam disso porque é o óbvio. Saiba que os cavaleiros levavam bolsas muito bem apetrechadas para o que desse e viesse. E até uma caixinha de primeiros-socorros, mantimentos, roupa limpa e um escudeiro, para carregar tudo isso, é claro. Um escudeiro é básico!

DOM QUIXOTE - Eu lhe agradeço as sábias recomendações, senhor castelão!

BARRIGA - Não esqueça o conselho do seu padrinho: meta dinheiro na bolsa! Principalmente se lhe der na telha voltar a visitar o nosso... castelo.

DOM QUIXOTE - *Montado no cavalo.* Não tem um hino?

BARRIGA – O Senhor não paga e ainda quer hino? Ta bom. O hino, pessoal!

TODOS - *(Cantam)*

Glória a ti nesta dia de glória

Glória a ti

NARRADORA C –

Dom Quixote, destemido.

Vem cumprir a sua missão:

e, aos famintos, deserdados

estender a mão.

CORO –

Desterrados, desvalidos,
destelhados despedidos,
destroçados, desmedidos,
do mundo inteiro, atenção!

6 - O MENINO E O POLICIAL

NARRADORA M – Pronto! O maluco já conseguiu até batismo de cavaleiro. Agora é que vai ser uma beleza! Mais um pra ficar discutindo o que é o bem e o que é o mal. Mais um pra fazer baderna e ficar berrando quando se tenta impor a ordem. Como se qualquer pessoa decente, com bom senso, não soubesse distinguir o certo do errado! Por exemplo; se um policial vê um menino, porque é pobre... o que não justifica... porque tem muito pobre decente e honesto, mas tem muito bandido também, é questão de índole. Se um policial vê um menino bandido com a clara intenção de roubar uma bolsa e desce a porrada, não está ele em pleno gozo de seu ofício? É lógico. Mas não... Aparece logo um bando de justiceiros de meia tigela e fica essa conversa mole: justiça social pra lá, Projeto Axé pra cá... Enquanto isso a pivetada faz a festa.

As mulheres entram em cena e se espalham pelo palco. Entra um menino e fica olhando-as interessado. Entra o soldado Leão.

SOLDADO LEÃO - O que é que você tá olhando, rapaz?

MENINO - Não é nada não...

SOLDADO LEÃO - Não é nada o que?! Você tá querendo roubar, não é seu filho da puta? *Começa a bater no menino. As mulheres se afastam.*

DOM QUIXOTE - *Entrando.* O que é isto? Um gigante de mais de três metros, espancando um pobre menino? Pare!

SOLDADO LEÃO - Você é advogado, é?

DOM QUIXOTE – Sou.

SOLDADO LEÃO – Cadê sua OAB?

DOM QUIXOTE - Sou o advogado universal dos desvalidos, o defensor de todos os que necessitam de amparo, o imbatível Dom Quixote de La Mancha! *As mulheres vão saindo.* O destino o escolheu como meu primeiro adversário. Tome posição. Em guarda! Vamos manter a distância regulamentar de dez passos para o terrível duelo que se aproxima. Logo ao terceiro movimento da minha espada, eu o destruirei. Uma vez vencido, você me fará o juramento solene de procurar a nobilíssima Dulcinéia del Toboso

SOLDADO LEÃO - Ah! É? E aí eu peço a ela pra me dar um pouquinho...

DOM QUIXOTE - Oh! Muito, muito mais que um pouquinho! Ela lhe concederá o perdão, com a luz de seus dulcíssimos olhos pousados em vossa pessoa, que prostrada, reconhecendo a grandeza daquela que está à sua frente, dirá que foi vencido por Dom Quixote, e que ali está para se colocar ao seu eterno serviço e às suas ordens...

SOLDADO LEÃO - É só pra eu ser vencido? Tá certo, você venceu. Tô vencido. Pode ir agora....

DOM QUIXOTE - Isso também é possível dentro das regras da cavalaria. Ele pode se dar por vencido e me conceder a vitória, sem haver luta. É melhor para nós dois.

SOLDADO LEÃO - Tá certo, tá certo, rapaz. Agora vá saindo, vá saindo que eu tenho mais o que fazer. Você já venceu, pode ir embora.

Dulcinéia aparece na primeira galeria.

DOM QUIXOTE – Oh! das belas belíssima Dulcinéia! Vede como tendes sorte em haver rendido ao vosso querer tão valente cavaleiro, como é e será Dom Quixote de la Mancha. Ponde os olhos neste incrível sucesso. Vede como, nesta primeira batalha em vosso louvor, amedrontei de tal forma o gigante Caraculiambro que este entregou-me sem luta a palma da vitória. *Dulcinéia sai. Para o soldado.* E não esqueça de se

apresentar à Princesa Dulcinéia, relatando fielmente o acontecido. *Sai.*

SOLDADO LEÃO - Viu, seu filho da puta. Você com sua presepada, vem esse maluco e fica aqui me enchendo o saco... Agora eu vou lhe levar pro módulo, e você vai ver o que é apanhar. V'mbora. *Sai batendo no menino.*

7 - AS ÉGUAS

As mulheres entram em cena correndo e se espalham pelo palco. Com as saias levantadas presas nas cinturas.

NARRADORA T – E vejam agora com que maestria passamos de uma cena de violência urbana para o lirismo dos prados de Espanha. Vejam que belo campo verde cortado por um riacho sussurrante que vai sendo ornamentado por um tropel de deslumbrantes éguas. *As mulheres correm e se agrupam no lado esquerdo do palco.* Altivas, soberbas, soberanas. Ei-las! Porque num palco é sempre tempo de origem, de gênese. Eu digo: faça-se! E está feito. Esta é a nossa linguagem.

Música – Tema de Rocinante

Mas Rocinante que não estava nem aí para a natureza da linguagem ao ver aquelas éguas magníficas, ouviu apenas a linguagem da natureza.

Música – Percussão e Coro

As éguas são guiadas por peões. Espalham-se pelo palco. Os peões acampam. Entra o Dono das Terras.

Fim da Música

DONO DA TERRA - Que invasão é essa?

Percussão

- Com ordem de quem vocês invadem minha terra e usam meu pasto? Tirem logo essas éguas daqui, senão vão se arrepender!

PEÃO 1 – Só que aqui ninguém invadiu nada. A terra tava aí e agente botou as éguas pra pastar.

DONO DA TERRA - Eu herdei de meu avô.

PEÃO 1 - Seu avô invadiu também, como a gente.

DONO DA TERRA - Meu avô recebeu de meus antepassados que eram donos de todas essas sesmarias. E os seus eram escravos.

PEÃO - 1 - Eram escravos mas a gente não é. E saia logo daqui.

DONO DA TERRA - Eu vou buscar meus homens. Sem-terra eu trato é a bala.

PEÃO - 1 - Vá buscar seus homens, vá.

PEÃO 2 - A gente também tem arma e sabe lutar.

Dono da terra sai, empurrado pelos peões que formam um grupo discutindo estratégias.

Rocinante mete-se no meio das éguas e começa a cheirá-las.

Percussão

Rocinante tenta montar uma égua que reage e dá coices. As outras correm de um lado para o outro. Param. Dois peões sobem a primeira galeria e vêm ver o que está acontecendo. Rocinante continua cheirando, farejando... Os peões voltam para o grupo.

Fim da percussão

PEÃO 3 - Tem um cavalo comendo nossas éguas!

PEÃO 4 - Que nada, é um pangarezinho de nada.

PEÃO - 1 - Se for daquele filho da puta, dono das terras, eu mato!

Percussão

Éguas reagem às investidas de Rocinante e cercam-no. Os peões correm para ver o que está acontecendo. Espalham as éguas e espancam Rocinante. Rocinante foge. Dom Quixote enfrenta-os.

Fim da percussão

DOM QUIXOTE - Parem! Hereges insolentes! Vocês não respeitam os princípios sagrados da Natureza? Não entendem que este sábio animal está atendendo à voz de seus instintos?

PEÃO 5 - Ah! Essa carcaça velha é sua, meu avô?

DOM QUIXOTE - Eu juro que se vocês tivessem sido batizados cavaleiros eu iria lhes ensinar a respeitar as leis superiores da Criação!

PEÃO 5 - Ah, é?! Pois eu vou lhe ensinar, meu velho, qual é a minha lei!

Espancam Dom Quixote e saem. Ele permanece estirado no chão ao lado de Rocinante.

8 - DOM QUIXOTE É LEVADO PARA CASA

DONA RAIMUNDA – *Entra seguida de seu ajudante que carrega um balaio na cabeça. Vamos meu filho, hoje eu to abafada!*

AJUDANTE - Tô aqui atrás da senhora.

DONA RAIMUNDA - Atrás de mim só a minha senhora. Eu quero você na minha frente, que é preu ficar de olho.

AJUDANTE – Ta certo.

DONA RAIMUNDA – Ta certo mesmo! Eu quero a tenda toda armada logo que já distribuí os panfletos: Raimunda – vidente exotérica. Presente, passado, futuro e próximas encarnações. E já mandei fazer uma tabuleta: Raimunda, a prima de Deus. *Vendo Dom Quixote no chão. Quem é que ta ali? Cumpadre Quixa?*

DOM QUIXOTE - Quem é que tá na encruzilhada ?

DONA RAIMUNDA - Sou eu, meu filho, Raimunda , a vidente.

DOM QUIXOTE - Oh, Raimunda! Chegou na hora, Raimunda... Pega umas folhas ai, que eu tô todo prejudicado...

DONA RAIMUNDA - Pegue umas folha ai, menino.

AJUDANTE - Por favor...

DONA RAIMUNDA - Eu não peço, eu mando!

Ajudante chega com as folhas. Começa a passar em Dom Quixote.

DONA RAIMUNDA- Êpa, minha filho, tomou banho? Então me dê que eu passo. *Passa as folhas. Quebra os talos*

e entrega de volta a Ajudante. Tome, o peso é com você. Ajudante vai jogar as folhas fora. DONA RAIMUNDA olha para Dom Quixote. Ó paí, ó... Como é que faz uma coisa dessas?

DOM QUIXOTE - Ô, Raimunda, me dê um apoio aqui.

Raimunda dá a mão a ele. Ele começa a levantar.

DOM QUIXOTE - Cuidado aí Raimunda...

DONA RAIMUNDA - *Ao Ajudante. Vá pegar o cavalo do ôme. Ajudante traz o cavalo. Montam-no. Saem em direção à casa.*

9 – A QUEIMA DOS LIVROS

As amas correm pela primeira galeria. Jogam os livros fora, em baixo no palco. Enquanto Dom Quixote é conduzido para casa pela Raimunda e pelo Ajudante, e a Narradora T recolhe os livros e os empilha a um canto.

ADÉLIA – É culpa dos livros! Dos livros! Estão envenenados com histórias extravagantes! Livros excomungados! Livros de herege! Vão todos para a fogueira!

ANA MARIA_- Quando eu falava que não ia dar certo esse negócio de ficar lendo dia e noite, cês falava que era sonho. “Deixe o homem sonhá”. Agora taí. Eu avisei.

SIOMARA - *Animada.* Eu ajudo. Tem mais livro aqui.

ANA MARIA - E quando seu Quixana procurar?

SIOMARA - A gente diz que sumiram com tudo e a gente nem viu a hora. A gente tava na roça.

ADÉLIA - Eu digo que os livros estão todos ali. Ele é que não está vendo.

SIOMARA - Ôxe ! D. Adélia, o homem vai achar que está maluco.

SIOMARA – Ele já ta maluco!

ADÉLIA – Vamos queimar tudo! O fogo purifica o corpo dos pecadores! Queima, Jesus! Queima, que o livro é a carne do

espírito! Vade retro, com Satanás e o Ferrabrás! Malditos sejam todos os livros que conspiram contra as idéias sãs!

NARRADORA C – Esta cena parece uma cena antiga. Parece coisa da Idade Média. Caça às idéias! Caça às bruxas! Mas não é. Vivemos isso várias vezes ao longo dos tempos. Vivemos isto em 68! Nossos livros foram queimados, nossas idéias perseguidas, nossos amigos desaparecidos. E continuamos... Mas a coisa vai se aperfeiçoando. Esta cena se repete todo dia, toda hora! Só que agora não se vê. Ela se repete sem fogo, sem fumaça, sem alarde. Silenciosamente, idéias são queimadas! Informações escaneadas, manipuladas! Arquivos inteiros deletados. Nossa memória é contaminada por um vírus novo a cada dia. A cada dia é reinventada a história por hábeis programadores.

Parece que nossa consciência foi incinerada junto com os livros e as idéias, e os ideais e a comoção.

ANA MARIA - Tô queimando porque a senhora mandou. Mas acho uma judiaria... Quando ele perguntar eu não quero nem saber.

DONA RAIMUNDA – *Chegando com Dom Quixote o ajudante. Bate palmas. Ô de casa!*

AMAS - Ih! É Dom Quixote, acuda, ajuda, etc... *Descem para ajudar Dom Quixote.*

DONA RAIMUNDA - Ó aqui o guerreiro de vocês. Tá entregue. *Amas não dão atenção a ela. “Cuidados, ajuda”, etc. Amas levam Dom Quixote para a cama.*

Alguma mulheres do coro levam Rocinante para o lado e ficam em volta dele.

DONA RAIMUNDA – Ta vendo você? Muito obrigada, Deus lhe pague: pra quê?

10 – DOM QUIXOTE CONTRATA UM ESCUDEIRO

NARRADORA S - Como vaso ruim não quebra, o maluco ficou logo bom. Enquanto maquinava novas estrepolias, lembrou-se de um importante conselho.

SEU BARRIGA – Um escudeiro é básico.

Entra Sancho e senta-se na cama, ao lado de Dom Quixote.

NARRADORA S – Porque Dom Quixote, como bom macho branco adulto, intelectual para realizar seus altos projetos, precisava de mulheres cuidando da casa, e de um negro para lhe carregar as bagagens. E é então que entra em cena o mais célebre dos burros de carga: Sancho Pança.

DOM QUIXOTE - É como lhe digo. Nunca o mundo precisou tanto como agora de cavaleiros andantes! E é meu dever ressuscitar a já quase morta arte da cavalaria!

SANCHO - Pois veja Vosmicê! Essa tal cavalaria andarilha, eu nunca soube que vivia, e já está morrendo!

DOM QUIXOTE - E é para essa grande aventura que eu quero convidá-lo! Quero que seja meu escudeiro! E então?

SANCHO - O senhor me desculpe, mas é que a minha mulher, Joana Pança, é perguntadeira como ninguém, e vai querer saber de tudo, tintim por tintim. Só assim pra eu saber, se ela quiser saber, me diga: essa tal profissão de... escudeiro tem salário fixo?

DOM QUIXOTE (rindo) - Estou vendo que você não conhece mesmo os costumes da cavalaria. Como pode falar de salário, Sancho, quando está perto de se tornar governador de uma ilha?

SANCHO - Eu?

DOM QUIXOTE - Pois saiba que é a coisa mais comum, que um cavaleiro andante ganhe todo um reino

como prêmio por suas batalhas! E a quem ele vai dar o governo das terras que conquistou? Ao seu escudeiro, é claro!

SANCHO - Ah! Dessa Joana vai gostar! Eu sendo governador de uma ilha, e ela sendo a governadora! Então eu topo, seu Quixana!

DOM QUIXOTE - Pois tome tento e esteja preparado. Vamos partir daqui a pouco,. É melhor que as mulheres da casa não nos vejam sair. Carregue as armas. E aqui está todo o dinheiro que eu consegui juntar. Guarde-o com você bem guardado, E, preste atenção, não diga a ninguém que a gente tem dinheiro. Vamos, mano Sancho, vamos rumo a aventura até que o vento da sorte venha encher as velas de nosso desejo.

SANCHO – E é?

11 – MOINHOS DE VENTO

NARRADORA D – Este teatro foi inaugurado em 1964. Naquela época era fácil saber onde morava o perigo. Ele era cor de Chumbo e verde –farda. Hoje, nós e o Teatro estamos mais uma vez á beira de um tempo novo.

SANDRA - Era de manhã bem cedo quando Dom Quixote, agora seguido de Sancho Pança, chegou a um campo.

Música Tema dos moinhos

O inimigo agora, tem braços mais longos que o dos moinhos de vento. Está em toda parte, se expõe em vitrines e telas coloridas. Pode assumir mil faces, reais e virtuais, numa bruxaria nunca antes vista. Mesmo nós, que cultivamos a arte das máscaras, temos dificuldade de reconhecer seus disfarces.

Entra o coro em pernas de pau com as pás de moinho nas mãos. Entram como gigante monstruosos.

DOM QUIXOTE - A sorte vai encaminhando nossos negócios melhor do que podíamos desejar, Sancho. Você não está vendo, ali, uns trinta ou mais

gigantes desaforados ? Pois é com eles que vou entrar em batalha e matá-los um a um. Com seus despojos começaremos a enriquecer.

SANCHO - Que gigantes?

O coro se transforma em moinhos girando as pás.

DOM QUIXOTE - Aqueles que vêm ali. Eles tem os braços tão compridos que alguns chegam a quase duas léguas.

SANCHO - Veja bem vosmecê que ali não são gigantes, são moinhos.

DOM QUIXOTE - Bem se vê que você ainda não sabe nada sobre aventuras. São gigantes. E se você tem medo, fique aí rezando enquanto vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (*Avança contra os moinhos*) Não fujais, covardes e vis criaturas. É um só cavaleiro que vos enfrenta. E gravaí o seu nome: Dom Quixote.

Os moinhos novamente viram gigantes guerreiros que enfrentam e derrubam Dom Quixote. Sancho corre para ajudar.

SANCHO_ - Valha-me Deus! Não lhe disse que olhasse o que estava fazendo? Que eram moinhos e não gigantes?

DOM QUIXOTE – *Deitado no chão.* Cala a boca, amigo Sancho. As coisas da guerra são muito sujeitas a contínuas mudanças. O que mais creio é que o sábio Munhatão, meu inimigo, transformou esses gigantes em moinhos para me roubar a vitória e me ridicularizar. Mas pouco há de valer a sua bruxaria contra a bondade da minha espada. *Se aninha para dormir. Fecha os olhos.*

SANCHO - Mais pode Deus! *Deita também.*

12 – CONSPIRAÇÕES – I

As amas aparecem no alto da primeira galeria, se dirigem para igreja.

ADÉLIA - Vamos logo ver o Padre.

SIOMARA - Eu to com uma fome desgraçada!

ANA MARIA – O meu estômago ta grudado nas costas.

PADRE – *Entra tossindo e coçando as virilhas. Vamo entrando, vamo entrando....*

ADÉLIA – Seu padre, a gente veio aqui pedir ajuda...

ANA MARIA- Porque a gente ta passando fome.

ADÉLIA – Não é nada disso!...

SIOMARA – É sim! Seu Quixana sumiu, levou o dinheiro todo da casa e a gente não tem mais crédito na venda....

ADÉLIA – A gente não é morta de fome não!...

ANA MARIA – É sim...

ADÉLIA – Só se for você.

SIOMARA- *Para o Padre. É que Seu Quixana, depois que enveredou pela cavalaria, está acabando com tudo que tinha, seu padre. Deu pra trocar as terras por um monte de livro velho.*

PADRE – É , já ouvir falar.

SACRISTÃO – O barbeiro não veio aqui falar pro senhor trocar os livros da biblioteca...

PADRE – *Empurra o Sacristão. Nervoso, para as amas. Mas o que é que vocês querem?*

ANA MARIA – A gente veio aqui pedir um pouquinho de comida.

SACRISTÃO – A dispensa ta cheia! Vamos lá! *Saem os três. O padre tenta correr atrás para impedir.*

ADÉLIA – *Segurando a batina do padre. A gente precisa de ajuda para trazer seu Quixana de volta.*

PADRE – Não se preocupe, a igreja tem o maior interesse. Vou fazer tudo pra trazer de volta aquele velho maluco!

ADÉLIA – Velho maluco não!

ANA MARIA – *Voltando com a cesta cheia, acompanhada de Siomara e do sacristão. Ta pronto Dona Adélia.*

PADRE – Já disse o senhor: “É dando que se recebe.” Ou melhor : uma mão lava outra. Já que estão levando sua comidinha, vão fazer agora um favorzinho para a igreja: Você – para

Ana Maria – vai lavar as roupas que estão ali. Você – para Siomara – vai limpar a sacristia. E a senhora, Dona Adélia, faça uma sopinha pra mim que a menina da paróquia não vem hoje. As três obedecem.

PADRE – *Ao sacristão. E você , vá chamar o barbeiro, depressa! Se aquele velho maluco não voltar o negócio vai todo por água abaixo.*

NARRADORA C – Na história original de Cervantes, o Padre e o barbeiro são moradores de uma pequena aldeia, que largam simplesmente seus afazeres para trazer de volta o vizinho que enlouqueceu e abraçou a cavalaria. Fazem isso com total desinteresse, por pura amizade!

Agora, me diga: você que mora na aldeia total do capital, sob o império do lucro global, embalado pelo blá-blá-blá neoliberal, e tal... Você acreditaria em personagens assim? Pois é. Por isso é que o Padre e o Barbeiro, aqui, são mesquinhos representantes, não do grande golpe, da grande trapaça. Mas da pequena e suja ganância de cada dia.

13 - O FUNERAL / MARCELA

Música

Entra um cortejo de homens carregando um morto enrolado em panos.

As mulheres entram no alto, pela galeria, e se colocam em grupos ou sozinhas espalhadas pela balaustrada como as maias de Goya

HOMEM 1 - *Entra à frente do cortejo, contando acompanhado pelo coro masculino.*

**Aqui jaz de um amador
O pobre corpo gelado;
Foi ele um pastor de gado,
Perdido por desamor.**

Morreu graças ao rigor
de uma esquivada e linda ingrata,
Sob a mágoa que desata
o tirano deus Amor.

O coro feminino segue cantando o acompanhamento da música, como sereias.

HOMEM 2 – *Interrompendo o cortejo.*
Os livros!

Os homens deixam o morto. Dois deles abrem o pano branco que o envolve. O morto está coberto por flores vermelhas. Os homens que saíram recolhem os livros que as amas jogaram fora e Tereza empilhou. Trazem os livros para junto do morto.

DOM QUIXOTE – *Segurando Homem 1 pelo braço.* Mas o que está acontecendo? Quem vocês estão carregando?

HOMEM 1 - Estamos acompanhando pela última vez o nosso amigo. Um pobre enamorado que resolveu pôr fim à sua vida. Ele se apaixonou perdidamente por Marcela, uma moça aqui da vizinhança.

HOMEM 2 - Ele pediu que seus poemas fossem enterrados com ele.

HOMEM 3 - Peraí! antes de enterrar, vamos ler mais um, o último. *Pega um dos poemas no chão e lê*

HOMEM 9 - Vamos fazer um brinde ao nosso amigo, um grande poeta! *Passa a garrafa de bebida*

HOMEM 5 - *Recebe a garrafa e bebe.*
Ao nosso amigo!

HOMEM 3 - O que me traz esse amor?

TODOS - A dor.

HOMEM 3 - E o desdém que me tortura?

TODOS - Loucura

HOMEM 3 - Que promete a minha sorte?

TODOS - A morte

HOMEM 3 - Então Não há sol nem norte, E a luz do alívio não vejo.
Pois responde ao meu desejo
a dor, a loucura, a morte

Fim da música

HOMEM 4 - Um poeta do caralho

HOMEM 5 - Foi vítima de uma vadia.

HOMEM 1 - Não foi culpa dela!

HOMEM 3 - Foi sim!

HOMEM 6 - Ela é uma vadia!

HOMEM 5 - Foi culpa de quem então?

HOMEM 4 - Ele morreu de amor... e quem pode julgar o amor! Coração da gente é terra que ninguém manda.

HOMEM 3 - Você parece que é viado.

HOMEM 2 - Mulher é pra ficar trancada em casa e tomar porrada. Você pode não saber por que está batendo mas ela sabe por que está apanhando.

HOMEM 3 - *Para o morto.* Não te falei? Ela era uma vadia, uma puta!

HOMEM 6 - Eu te disse. Mulher é só para abrir a perna e ferro.

HOMEM 7 - *Para o público* Mas afinal, que outra utilidade elas tem? A mulher é um ser desprovido de intelecto. Incapaz de se auto-governar. Estão destinadas ao gerenciamento masculino; não passam de uma vagina. Extirpado esse órgão, perdem a funcionalidade!

Entra Marcela

HOMEM 8 – Por que será que a natureza te fez tão doce, tão audaciosa?

Os homens impedem Marcela de se aproximar do morto.

HOMEM 7 - Olhem a vadia, a vagabunda! Veio conferir o fruto da sua perversidade?

HOMEM 6 – Faça o favor , vadia, de não economizar nas lágrimas, porque não vai faltar macho para retocar sua maquiagem.

Todos ficam muito irritados

HOMEM 9 - Você é culpada por ter esses olhos

HOMEM 3 - Essa boca.

HOMEM 2 - essa pele!

HOMEM 5 - Você é culpada por carregar entre as pernas o motor da vida em sua fúria.

HOMEM 9 - É culpada por multiplicar o número de infelizes mortais!

HOMEM 10 - É culpada pelo meu prazer.

HOMEM 6 - E pela minha dor!

HOMEM 1 - Culpada por seu carinho.

HOMEM 4 - Culpada por seu desprezo!

HOMEM 3 - Culpada pelo seu fogo.

HOMEM 7 - E pelo seu gelo!

HOMEM 9 - É culpada quando se entrega, é culpada quando se nega!

TODOS - Por todos os séculos dos séculos, é culpada, culpada, culpada!

Incitados pela fala de HOMEM 9, os homens avançam ameaçadoramente em direção à Marcela. Dom Quixote intervém, colocando-se entre eles e ela.

DOM QUIXOTE - Que ninguém se atreva a tocar num único fio de cabelo dessa donzela, ou conhecerá a força do meu braço! Deixem que ela fale!

MARCELA 1 - Ah! Que péssimo conceito vocês têm! Não de mim, a quem não conhecem, mas do seu amigo que ali está. Pior do que isso. Vocês zombam da memória dele, diante de sua sepultura. *Os homens não compreendem e entreolham-se, intrigados.*

MARCELA 2- Quem vocês acham que ele era?

MARCELA 3 - Uma criança, enganada pelo doce de minha boca? Pelo mel do meu sorriso?

MARCELA - 4 Um menino encantado pelo brilho dos meus olhos?

MARCELA 5 - Um boneco movido pela graça dos meus gestos?

MARCELA 4 - Um louco, envenenado pelo timbre da minha voz?

MARCELA 1 - Pois eu lhes digo que não. Ele era um homem. Um homem tão cheio de coragem que escolheu a hora de sua própria morte! - E é isso que vocês lamentam, covardes!

MARCELA 6- Quem disse que uma mulher tem que pagar imposto por sua beleza?

MARCELA 7 - Quem disse que ela deve se entregar a qualquer um que ostente o título de apaixonado?

MARCELA 8 - Quem escreveu essa lei?

MARCELA 9 - Eu não sou obrigada, eu não me sinto obrigada. Eu nasci livre. E sou culpada apenas de seguir a voz do meu desejo.

MARCELA 1- É poesia que vocês querem?

Algumas recomeçam a cantar

MARCELA 4 - Quem me dá passo e medida?

TODAS - A Vida!-

MARCELA 7 - Quem é meu amo e senhor?

TODAS - O Amor!

MARCELA 9 - E meu sonho, ainda que tarde?

TODAS - Liberdade!

MARCELA - Não queiram me condenar nem dobrar minha vontade: Só podem me governar

TODAS - Vida, Amor e Liberdade!

Homens fazem movimento para segui-la.

DOM QUIXOTE - Nenhuma pessoa, de qualquer estado ou condição que seja, se atreva a seguir a formosa Marcela. Sob pena de cair na fúria da minha indignação.

As mulheres, na primeira galeria começam a cantar, descobrem os seios e começam a sair. Marcela sai com o coro feminino. Os homens ficam parados, indecisos. Voltam a carregar o morto e saem.

DOM QUIXOTE - Para Sancho. Vamos, Sancho.

SANCHO - Para onde?

DOM QUIXOTE - Seguir Marcela.

NARRADOTA T – fechem os olhos!

INTERVALO

ATO II

2 – CONSPIRAÇÕES – II

ABERTURA

Dom Quixote entra com Sancho Pança. Sobe no Cavalo. Sancho puxa o cavalo.

Música

O coro entra correndo cantando “doce idéia, Dulcinéia.” Dulcinéia aparece na segunda galeria, desce correndo para a primeira, dança ao longo da primeira e corre, seguida pelo Coro. Saem. Dom Quixote assistiu a tudo.

1- DOM QUIXOTE EM BUSCA DE DULCINÉIA

Dom Quixote e Sancho Pança param. Dom Quixote desce do cavalo. Sentam-se.

DOM QUIXOTE – Quero que você vá ao encontro de Dulcinéia. Diga-lhe que estou para empreender uma difícil jornada, e necessito de sua benção. Ela deve lhe responder se consente que eu me aproxime da varanda que dá para seus aposentos reais para que ela me deseje boa sorte, com o aceno de suas pequenas mãos.

SANCHO – Só isso, que o senhor quer? Mas Seu Quixote, como eu vou lá dizer isso a ela, se eu nunca vi Dona Dulcinéia, nem o pé dela, nem a mão pequena...

DOM QUIXOTE – Que ingenuidade, Sancho! Basta que você chegue em El Toboso e pergunte ao primeiro passante: onde mora a donzela mais bela desta região e de quantas existem na redondeza da terra? E ele vai ,não só lhe mostrar o lugar, mas fazer questão de conduzi-lo até lá imediatamente. Você Não compreende ,Sancho? A beleza de Dulcinéia é uma verdade universal.

SANCHO – Se o senhor está dizendo...

DOM QUIXOTE – Vá. Está decidido. Vá.

Sancho se levanta e sai.

As amas e Sansão aparecem na primeira galeria.

ADÉLIA – Ai, Seu Sansão, a gente já pediu ajuda ao padre e até agora nada... Seu Quixana se picou no mundo e ninguém sabe do seu paradeiro. Ai, me ajude Seu Sansão.

SANSÃO – Calma, Dona Adélia, tudo tem remédio. Vamos achar Seu Quixana. ANA MARIA - Agora, que se meteu nesse negócio de cavalaria, o nome dele é Dom Quixote.

SANSÃO – Ah!, ele que é Dom Quixote?... Esse seu patrão está bem famoso, hein?. Tão falando dele toda hora, no jornal, na televisão. Deve estar ganhando muita grana...

SIOMARA – Se ele ta ganhando, eu não sei. Mas ele raspou tudo que tinha em casa, e a gente ta sem nenhum...

ANA MARIA – Já não tem nem o que comer...

SANSÃO – É, assim fica difícil. Eu podia trazer ele pra casa, mas a senhora sabe.... tudo isso é despesa...

ADÉLIA – Ô, meu filho, já se esqueceu? Ele já ajudou tanto a sua família...

SANSÃO – Ô, Dona Adélia, águas passadas não movem moinhos, a senhora sabe... os tempos são outros. É tempo de murici, cada um cuida de si.

SIOMARA – E você acha que agente ta cuidando de quem? Se ele não voltar, a gente ta den’ água: desempregada, sem aviso prévio, sem décimo terceiro, sem férias proporcionais, e sem tempo de serviço...

ANA MARIA – É, e se ele não voltar, vai gastar o resto do dinheiro todo...

SIOMARA – Vamos fazer o seguinte: o senhor traz ele de volta e a gente acerta as coisas no final.

3 – SANCHO TEM UMA IDÉIA

SANCHO - *Sozinho no meio do palco, fala consigo mesmo como se fosse dois personagens. Muito bem, Sancho Pança.*

Vamos parar pra acertar. Agora que eu quero ver. Me diga uma coisa: O senhor está indo pra onde? Por acaso vai atrás de algum bezerro que se perdeu?

Não.

Vai caçar algum tatu, que se escondeu num buraco?

Também não.

Então, vai fazer o quê?

Vou procurar – *Imitando Dom Quixote* – a princesa Dulcinéia, o sol da donzelice, a lua da formosura, a dama da mão pequena.

Ta. Por acaso você já viu a dita cuja senhora?

Não. Mas Seu Quixote só viu ela de relance. Ta bom. E você sabe o lugar onde se esconde essa beleza toda?

Não.

Então, por que se meteu a pombo correio, seu jumento?

Bom, o caso é que, tirando a morte, tudo tem remédio. Seu Quixote, que é homem lido, sabe muito bem que nem tudo que a gente vê é o que a gente vê: que o inimigo se disfarça de moinho, de carneiro, de qualquer zorra. Vai daí que, encanto por encanto, qualquer mulher pode ser a Dulcinéia.

Ah! Sancho, filho de meu pai! Que cabeça você tem. Eu só queria que Joana Pança lhe visse agora.

4 – A FALSA DULCINÉIA

Aproximam-se duas mulheres rastafari.

SANCHO – E o melhor que é só pensar que aparece. *Sai gritando.* Seu Quixote, venha depressa!

Mulher 1 faz passos de capoeira enquanto a outra observa.

MULHER 2 – Porra, meu peixe, eu não já falei que eu não quero saber dessa presepada, que a minha é ouvir o meu reggae e fumar minha maconha.

MULHER 1 – Porra véio. Então, é fogo na Babilônia... *As duas vão para o canto para fumar.*

SANCHO – *Trazendo Dom Quixote.* Veja só o senhor, lá vem Dona Dulcinéia, com duas damas de companhia, justamente para ver o vosmecê.

DOM QUIXOTE – Não brinque com isso, Sancho. Sei que você está querendo me alegrar o coração, mas isso não é brincadeira!

SANCHO – É verdade, eu juro! Olhai Dona Dulcinéia, com o vestido bordado, todo verde e rosa, cor do mar com todos os peixes dentro, cor do céu com todas as estrelas dentro, com miçangas, paetê, babado franzido e tudo.

DOM QUIXOTE – Será possível, Santo Deus?

SANCHO – E com os cabelos soltos, e uma coroa dourada em cima. Tem gliter no cabelo. Venha depressa Seu Quixote.

DOM QUIXOTE – *Depois de longa pausa e de observara mulher dos pés a cabeça.* Sancho, você não disse que ela estava de vestido verde e rosa, e.....

SANCHO – Pois não é? Verde, com três babados todo bordado de ouro...

DOM QUIXOTE – E que tinha na cabeça uma coroa...

SANCHO – É essa aí mesmo, que está brilhando como o sol a pino...

DOM QUIXOTE – Sancho, que Deus me perdoe, mas o que eu estou vendo são três trabalhadoras, descalças e mal vestidas.

SANCHO – Credo, Seu Quixote! Não diga uma coisa dessa! Dona Dulcinéia pode até se ofender. *Adiantando-se ajoelha-se em frente à mulher.* Formosa senhora Dulcinéia está aqui o famoso cavaleiro Dom Quixote...

MULHER 1 – *Sem compreender, irritada.* Vá saindo do meu caminho, cidadão, que eu não tenho tempo pra pilhéria....

DOM QUIXOTE – *Ajoelhando-se também.* Ah! Senhora, como está aflito meu coração por não ter ao menos o consolo de contemplar a vossa beleza! Só posso crer que algum poder diabólico

envenenou os meus olhos, para me impedir a visão da vossa verdadeira figura!

MULHER 1 – Olhe aqui, coroa: Eu não te conheço como nada, nunca vi seu retrato nas páginas policiais, e pode parar de pataquada pro meu lado! E você também, seu xibungo! Se saia! Saco?, Sacana! *Dá um golpe de capoeira.*

SANCHO – *Enquanto as mulheres saem.* Mas isto é modo da senhora tratar o príncipe da cavalaria?

DOM QUIXOTE – *Muito abatido. Vai saindo com Sancho que puxa Rocinante.* Deixe, Sancho. Deixe. Você ainda não compreendeu toda perversidade dessa bruxaria. Assim como eu não posso ver a verdadeira face de Dulcinéia, Ela também não pode me ver como sou. Os olhos dela foram atingidos pelo mesmo encantamento. Quem sabe que aspecto terrível ela viu em mim? Um monstro, um demônio, um vampiro?

NARRADORA D – É claro que Dom Quixote, contemporâneo de Shakespeare, sabia que “todos os os homens e mulheres não passam de atores”. Mas não podia esperar que Sancho Pança deixasse o seu papel de escudeiro para se meter a diretor da cena. E vejam que desastre! Como pôde essa cena funcionar? Talvez porque nosso triste cavaleiro seja o espectador ideal: ela deseja antes de tudo crer no encantamento. E assim sendo, não existem falsas Dulcinéias, só Dulcinéias encantadas.

5 - MANTEAMENTO DE SANCHO

CORO - *Se você pensa que isto aqui é uma pensão.
N' é não. É um castelo encantado.
Cê tá no fogo, tá na boca do dragão.
Não há dama nem princesa
Neste castelo encantado.*

*É na real que o bicho pega.
Na real é no real que o bicho pega.*

Entram todos os personagens do Bando dançando. Sentam em semi círculo. Berna Rosa fica em pé no centro.

SEU BARRIGA – *Entrando.* Oi, Berna, simpatia, quase amor... Tudo jóia?

BERNA ROSA – Barriga, cretino...

Mudei o look.

SEU BARRIGA - Venha cá, Berna, você tá aí, toda bonitinha, mas e o pagamento? Há seis meses que você tá aqui, me deu um cheque para o primeiro mês... do Baneb, pré datado e sem fundo, Berna?

BERNA ROSA – Você sabe que eu sou uma mulher abandonada pelo amado amante, mas reconheço a minha dívida. Aproveitando, que você está me fazendo cobranças, eu também farei a minha. Eu chego tarde, cansada do meu dia de trabalho, que você sabe que eu sou uma executiva, uma cabeleireira e o meu quarto sujo, e com mosca, cretino!...

SEU BARRIGA - Não se preocupe, Dona Berna, o seu problema será resolvido. *Chamando, para dentro.* Ô, Maria Rita... *Ela entra.* Como é que pode, Maria Rita, Dona Berna chega cansada e encontra o lençol todo sujo?

MARIA RITA - Ela acorda tarde... Essa calanga seca!... *Sai. Encontra Luciano Pram³, para em frente a ele. Ficam se flertando.*

BERNA ROSA - Tá vendo aí, cretino? Você deixa uma servente me desacatar! Eu vou me embora dessa espelunca! Eu vou me embora! *Sai, dando chilique.*

BARRIGA - *Correndo atrás de Berna Rosa.* Volte, Dona Berna, o seu problema será solucionado... *sai.*

PRAM - Venha cá, meu chicotinho queimado, meu camarão assado.

MARIA RITA - Calango preto! Catifueiro! Foveiro! Diga!

PRAM - Limpe meu croque pit hoje com carinho, porque hoje eu vou te amar.

³ Personagem criado para **Cabará da RRRRRaça.**

Vou te levar à loucura. *Beija Maria Rita na boca.*

MARIA RITA - Sou nêga véia prantada, Quem toma banho de saliva é gato! Diga!

PRAM - Pois é miau miau, então hoje eu vou ser seu gato. Com sete folegos. Me bata sete vezes. *Bate no peito sete vezes.* Miau... Miau... Miau... Miau... Miau... Miau... Miau... Você vai me lambar até virar o olho e sua língua ficar fria.

MARIA RITA - Sem língua!... Vai me pagar?

PRAM - *Saindo.* Vou pagar com dinheiro, todas as honrarias e muito love! Às doze, no meu quarto. Nham...

MARIA RITA - De noite eu vou lá. *Sai para o outro lado.*

Dom Quixote e Sancho chegam à pensão.

DOM QUIXOTE - Veja, Sancho, esta noite estaremos sendo recebidos pelo senhor deste castelo! É um castelo encantado.

SANCHO - Que castelo, Seu Quixote? Essa biboca toda maramanhada.

DOM QUIXOTE - Ora, o castelo do Dom Barriga, meu padrinho. Aqui, neste mesmo lugar, eu fui batizado cavaleiro. Só estou estranhando que ainda não tenham feito soar os clarins anunciando a nossa chegada...

Seu Barriga aparece.

DOM QUIXOTE - Ah, senhor castelão! Seu Barriga, venho lhe dar a honra de receber em seu castelo...,

SEU BARRIGA - O senhor fez reserva?

DOM QUIXOTE - Que reserva? Eu estou na ativa. Quero um quarto para repousar e cuidar de meus ferimentos...

SANCHO - E comer...

SEU BARRIGA - Olhe, os quartos estão todos ocupados. O senhor tinha que ter feito reserva antes, porque aqui, a pousada é muito requisitada, o senhor sabe.

DOM QUIXOTE - Mas eu estou aqui com o meu escudeiro.

SEU BARRIGA - Ah! O senhor trouxe o seu escudeiro. Então o senhor escutou os conselhos do seu amigo Barriga. Trouxe o básico! Então trouxe o dinheiro também. Então eu posso dar um jeitinho... Tem o quarto de Seu Pram, que é grande, ele é uma pessoa muito simpática, muito decente, eu posso mandar botar uma cama lá para o senhor. Mas a tarifa é a mesma, o senhor sabe

SANCHO - E eu?

SEU BARRIGA - *Chamando, sem dar atenção.* Ô, Maria Rita!... *Maria Rita aparece.* Ô, Maria Rita, ajeite o cidadão, lá no quarto e o menino aí, bote na esteira no chão que ele não liga não, é empregado mesmo...

Maria Rita sai do semi círculo com Dom Quixote e Sancho.

BARRIGA - O cerco está armado. *Todos levantam do semi círculo.* Então ele que me aguarde porque eu vou entrar em contato com meus colegas do massacre de Eldorado dos Carajás, porque aqui não é lugar de guardar sem terra. *Saem.*

MARIA RITA - *Voltando para o quarto.* Pram!... Ô Pram!

DOM QUIXOTE - É a princesa...

MARIA RITA - Calango branco tá sonhando.

MARIA RITA - *Passando por cima da cama de Dom Quixote que está entre ela e a cama de Luciano Patrocinado.* Pram!... Ô Pram, acorde!

DOM QUIXOTE - *Segurando-a.* Formosa senhora, oxalá eu estivesse em condições de retribuir a sua visita. Mas não posso satisfazê-la, por maior que seja a minha vontade. Coloquei o meu amor e a minha espada a serviço da incomparável Dulcinéia, e estou preso a esse juramento. Não fosse por isso, eu não seria louco de deixar fugir esta ocasião encantadora... *Agarra mais ainda Maria Rita que cai em cima dele, derrubando a cama. Confusão. Pram se levanta, vem tirar Maria Rita de cima de Dom Quixote. Cai também. Maria Rita*

cai em cima de Sancho. Ele se levanta de susto e começa a pular pelo quarto caindo em cima de Pram que o empurra e agarra Maria Rita. Leva-a para um canto e começam a trepar em pé. Sancho e Dom Quixote se embolam pelo chão. Até que se reconhecem. Maria Rita e Pram chegam ao orgasmo.

DOM QUIXOTE - Calma, Sancho! Calma! Sou eu!

SANCHO - É o senhor, pensei que fosse um sonho...

DOM QUIXOTE - É encantamento, Sancho! Esse castelo é encantado. Entrou aqui um mouro...

SANCHO - Sim, um louro...

DOM QUIXOTE - Um mouro feiticeiro que tentou me ferir e raptou a princesa. Vou segui-lo, dar-lhe batalha e resgatar a donzela, trazendo-a de volta a seu castelo. Vamos, irmão!

Sai correndo. Barriga aparece, junto com outros hóspedes que foram acordados pela confusão.

BARRIGA - Tentando impedir Dom Quixote. Você não vai sair sem pagar desta vez!

Dom Quixote, que está com a espada em riste, passa correndo. Sancho vem atrás.

BARRIGA - Peraí, rapazinho!... Junto com os hóspedes, cerca Sancho. Vamos ao massacre, meu povo.

SANCHO - Seu Quixote, acuda aqui... Eu sou inocente, foi o louro!...

Barriga e os hóspedes agarram Sancho para colocá-lo sobre uma colcha e jogá-lo várias vezes para o ar. Quixote ouve seus gritos e retorna. Colocam Sancho na chão e saem. Barriga leva os sacos e as coisas que Sancho trazia na mão sem que este perceba. Ele fica deitado, em estado de choque.

DOM QUIXOTE – *Chegando.* Vamos, Sancho, o feiticeiro mouro se foi, mas, temendo a minha fúria, deixou a princesa. Acabo de vê-la. Essa aventura não foi para mim, a outro cavaleiro devia estar destinada. Ô, está dormindo de

novo? Cansado dessa grandiosa boa aventura?

SANCHO - Que dormir, que nada! O senhor foi atrás do louro e vieram mais de quatrocentos me dar porrada! Arrengo da mãe que me pariu, que não sou cavaleiro andante, nem nunca vou ser! E o pior dessas andanças sempre vem pra mim. Essas aventuras de cavaleiro são muito desafortunadas.

Vão para a frente do palco. Param. Dom Quixote em estado de êxtase.

6 - EXÉRCITOS DE CARNEIROS

Entra o coro em dois blocos, cada um de um lado do palco. Sopram pó para cima formando duas nuvens.

NARRADORA M – Ainda bem que terminou essa cena! Que pobreza, essa pensãozinha de beira de estrada que mais parece um boteco, essa gentinha, essa mocofaia! Isso me cheira a Pelourinho antes da reforma.

Música

Felizmente vamos voltar agora aos campos de Espanha, onde aquele que vocês chamam de herói avista de repente nuvens de poeira.

Os dois grupos do coro avançam como dois exércitos numa coreografia de batalha.

DOM QUIXOTE - Ah! grande dia este, Sancho! Enfim uma grande aventura! Veja! Veja que prodígio vem se aproximando!

SANCHO - Eu só vejo poeira...

A música muda para batalha.

DOM QUIXOTE - Poeira, sim, é claro! E levantada por dois exércitos prontos para entrar em luta! Veja bem, Sancho! De um lado, temos um exército comandado pelo poderoso Pentapolim da Manga Arregaçada. Do outro, um exército liderado por seu arqui-inimigo, o imbatível Barão Micocolembu. Aquele mais à frente, com o escudo listrado de azul, é o inverossímil Cascatão de Carcassona, bisneto do terrível Barba-

Azul! Aquele lá , todo vestido de branco, é um cavaleiro francês, o indomável Pierre Papan. Ah! Sancho! esta será uma batalha inesquecível, para ficar gravada no livro da Fama.

O coro cai no chão e começam a andar de quatro.

Muda música

SANCHO - Olhando bem, seu Quixote, o que vem ali são dois rebanhos de carneiros.

CORO - Beééé...

QUIXOTE - Como?! Então você não ouve o relinchar dos cavalos? O soar dos clarins? O rufar dos tambores?

CORO - Beééé...

SANCHO- Valha-me deus, que não vejo cavaleiro, nem gato, nem escudo, nem barba branca ou azul! Só vejo um monte de carneiros !

CORO - Beééé..

A música muda para batalha.

QUIXOTE - É o medo que faz você não ver nem ouvir nada! Pois se tem tanto medo, Sancho, fique aí de lado. Eu hei de sozinho levar a vitória ao partido em favor do qual me declarar

SANCHO- Volte, volte, seu Quixote!

Eu juro por Deus que são carneiros!

Dom Quixote investe contra os carneiros e abate dois ou três. Os pastores se dão conta do que acontece, avançam para ele.

Fim da música.

DONO DOS CARNEIROS - O que é isso, rapaz?

PASTOR 1 - O cara tá matando os carneiros!

PASTOR 2 - Vai ter que pagar!

SANCHO - A gente não tem dinheiro.

PASTOR 3 - Não tem dinheiro? Então tem que sambar!

Percussão – Samba

Os peões dançam ao redor de Dom Quixote, como se estivesse batendo, no ritmo do samba. Dom Quixote cai.

Fim da percussão

DONO DOS CARNEIROS – Te prepara para morrer! *Bate a coroa da*

espingarda no chão, como se estivesse atingindo o rosto de Dom QUIXOTE. Sai.

SANCHO - *Vindo acudir.* Eu não avisei, seu Quixote, que aquilo não era exército, era carneiro?

QUIXOTE - Ai, veja você, Sancho, isso foi obra do meu terrível inimigo, o mago Munhatão, o miserável bruxo e nigromante que me persegue. Vendo que era certa a minha vitória, ele por inveja transformou aqueles valentes cavaleiros em carneiros, para me arrebatam a glória desta batalha!

Volta música.

Coro se levanta. Colocam-se como guerreiros.

Se quiser ver a verdade, siga-os e verá que assim que se afastarem daqui, voltam a ser o que eram, deixando de ser carneiros e virando homens novamente.

Música de batalha.

Coro sai.

Mas não vá agora, preciso de você. Ai, preciso de ajuda, amigo. Olhe aqui, Sancho, por favor, e me diga quantos dentes estão faltando neste lado direito... Ai...

7 - A LIBERTAÇÃO DOS PRISIONEIROS

CAPITÃO - *Entrando.* Anda! Vamos logo! Anda!

Entram os prisioneiros seguidos de mais dois policiais.

Os atores do coro sobem e descem atônitos as escadas, como formigas numa trilha.

CORO –

**Desterrados, desvalidos,
destelhados despedidos,
destroçados, desmedidos,
do mundo inteiro**

DOM QUIXOTE - O que é isso, Sancho?

SANCHO - Ah!, é que tão limpando a cidade pras festas da quaresma. Aí mandam prender os marginais assim, tudo de vez. É prisão em bando.

DOM QUIXOTE - Mas isso é uma violência! Na qualidade de cavaleiro andante, devo cumprir meu ofício: desfazer as injustiças e dar socorro aos miseráveis.

SANCHO - Não se meta não, Seu Quixote! Violência de policial é coisa certa. Aliás, não é nem violência: é castigo que eles merecem. Na minha terra é assim.

Os prisioneiros fazem confusão, os policiais reprimem.

DOM QUIXOTE - O que está acontecendo?

POLICIAL - Tamo levando esses marginais pra um centro de reabilitação social.

DOM QUIXOTE - Muito bem, mas antes de levá-los para a cadeia, eu gostaria de ouvir de cada um o crime que cometeu.

POLICIAL - *Para o Capitão.* Capitão! O véio aqui quer ouvir a idéia dos marginais. *Riem.*

CAPITÃO - Deixa, deixa... A gente vai parar pra descansar mesmo. *Faz gesto para os prisioneiros.*

PRISIONEIRO 1 - *Aproximando-se.* A terra não era nossa. Aí plantemo mio... quando fúmo coiê, os homem prendero agente. Anton, tira eu daqui que eu sou inocente! *Afasta-se.* *E cada prisioneiro faz o mesmo: depois que fala se afasta, e vão, assim, se espalhando pelo palco.*

Percussão

PRISIONEIRA 1 - Seu comissário, eu não matei Manoel, ele se queimou sozinho. Ele chegou bêbado, me bateu. Eu fui dormir e ele colocou a água pra esquentar pra tomar banho, cochilou e a água fervendo caiu por cima dele. Acordei com os gritos. Os vizinhos chegaram e Manoel já tava morto. Todos gritavam, “assassina! Assassina!”. Eu não matei ninguém. Quem matou Manoel foi você! Assassino é você! O que é que ele quer mandando uma carta com a faca dentro para mim? Ele pensa que eu sou farelo? Vou dar uma surra de

Base Aérea nele! Culpada disso é a África! Vou mandar o americano invadir a África! Só o homem tem a lua. Fique com a lua. Tchau!.

Percussão

PRISIONEIRO 2 - Ói, meu véio, eu tô aqui injustamente, O cumpade Zé me chamou pra fazer uma caminhada até Brasília e os hôme prendeu nós. Só porque a caminhada era pela reforma agrária. Agora veja! Nós qué é a reforma agrária!

Percussão

PRISIONEIRA 2 - Companheiro! Minha gente! *Para Dom Quixote.* Eu não lhe conheço como nada. Ninguém aqui é vagabundo! Têm a gente como tabaréu, bóia fria, mas todo mundo aqui é trabalhador. Eu aprendi a ler com 16 anos para discutir em pé de igualdade com esses político aí. A terra que escolhemo pra fazer nosso assentamento era improdutiva, pra ninguém ter o que falar nada. E tamo produzindo nela! Meu tio, aposentado pelo INCRA, não tinha mais do que viver e veio se juntar a nós. Foi espancado, tá quase morto, e até agora ninguém descobriu o culpado. Mas o policial que morreu querem dizer que fui eu. Eu sou inocente e vou denunciar.

Percussão

ANA- Eu tava lá, na terra do meu pai. Aí, aquele homem que mora lá em cima disse que ia entrar, ele e os homens dele. Aí eu falei: Se você entrar, eu atiro. Na terra do meu pai quem manda é eu, só entra quem eu deixar. Ele pegou, deu risada e quebrou a cerca. Eu peguei e atirei. Na perna. Quando chegou de noite, todo mundo tava lá, na minha porta batendo. Todo mundo tava batendo, batendo. Mas a terra é de meu pai! É de meu pai! É de meu pai... é de meu pai...

DOM QUIXOTE - Miserável tempo este, Sancho, em que um homem tem que roubar pra afugentar o fantasma da fome...

SANCHO - Fome não é fantasma, não, é de verdade.

DOM QUIXOTE - Ditosa idade e felizes séculos aqueles a que os antigos chamavam de Idade do Ouro. Naquela época, tudo era de todos e ninguém conhecia as palavras “teu” e “meu”.

SANCHO - Quando foi isso, Seu Quixote?

DOM QUIXOTE - Nesse tempo feliz, se alguém sentia fome bastava levantar o braço e colher os doces frutos que as árvores ofereciam a todos, sem interesse algum. Toda a miséria do mundo começou quando no seio da generosa mãe Terra foi fincada a primeira estaca da linha sinuosa da primeira cerca que escreveu a palavra “meu”!! Já ouvi o bastante. Essas pessoas são inocentes! São aqueles a quem eu jurei defender: são injustiçados! Ninguém daqui sairá preso! *Tira a espada aos gritos.*

Os policiais ficam surpresos. Os prisioneiros aproveitam a ocasião, derrubam-nos, tomam as armas, rendem-nos e vão saindo.

DOM QUIXOTE - Vocês estão livres! Agora devem ir a Toboso, dizer à dulcíssima Dulcinéia que em seu louvor foram libertados por Dom Quixote. Vocês devem se ajoelhar a seus pés...

PRISIONEIRA 2 - *Interrompendo.* Companheiro! A gente aqui não se ajoelha nos pés de ninguém. Essa luta não é individualmente minha, nem sua, nem dele. A luta é nossa. *Para os outros.* Quem venceu?

PRISIONEIRO 1 - Foi ele.

TODOS - Nós!!!

PRISIONEIRA 2 - Companheiro, vossa senhoria sabe que nossa luta é igualmente a vossa. *Aperta a mão de Dom Quixote e vai saindo.* Vamo lá pessoal!

DOM QUIXOTE - Esperem! Segundo as leis da cavalaria é necessário...

PRISIONEIRO 3 - Vá te fuder, véio! *Passa uma rasteira em Dom Quixote que é amparado por Sancho.*

Saem todos.

DOM QUIXOTE - *No colo de Sancho.* Ai, Sancho! Ai, Sancho!... Estou muito decepcionado com a natureza humana. Estou sentindo uma coisa estranha, doendo por dentro. *Segura o peito. Levanta-se.*

SANCHO - Ai, meu Deus! É infarte... Tá doendo o braço?...

DOM QUIXOTE - É ingratidão, Sancho... Vamos logo para a próxima cena.

NARRADORA H - A cena é comovente, não? Diga a verdade. Mas não querendo ser desmancha prazer, eu lhe pergunto: Dom Quixote foi mesmo vítima da ingratidão humana? Ou teria escorregado numa numa velhíssima falha trágica?

Ah! Pobre Dom Quixote! Pena que ele não tenha ouvido a advertência de Bertolt Brecht: “Infeliz do país que precisa de heróis”.

Pronto. Pode voltar a se comover. Era só pra lembrar que a vida é uma tragédia, quando a gente apenas sente. Mas bem que pode ser uma comédia quando a gente pensa.

8 - COMO UM CAVALEIRO CHEGA A SER REI

SANCHO - O senhor me dá licença pra uma pergunta?

DOM QUIXOTE - Diga, Sancho.

SANCHO - Em vez de vosmecê ficar caçando aventuras por esses desertos e encruzilhadas, não era melhor a gente ir logo procurar um rei imperador que tivesse uma guerra bem grande, onde o senhor pudesse batalhar, ficar famoso e... quem sabe, ganhar logo, de vez uma fortuna?

DOM QUIXOTE - Muito bem! Você está começando a entender a cavalaria andante, Sancho. Mas saiba que antes disso é preciso que um cavaleiro ande pelo mundo realizando ousadas

façanhas. Aí, sim, quando ele chegar à corte de um grande reino, já conhecido pelos seus feitos, sabe o que acontece? Pois preste bem atenção.

Uma trupe de atores ambulantes prepara-se para a representação.

A trupe de atores começa a representar tudo que está sendo dito.

DOM QUIXOTE - O cavaleiro aproxima-se das portas da cidade. Todo o povo acorre para vê-lo. Gritos e aplausos, murmúrios de admiração.

ATOR 1 - Ele é o cavaleiro do Sol!

DOM QUIXOTE - Diz um.

ATOR 2 - Foi ele quem venceu a batalha com o gigante Caraculiambro!

DOM QUIXOTE - Diz outro. Ouvindo o alvoroço da multidão, o rei sai à janela do palácio. Reconhece o cavaleiro por suas armas e brasões, e exclama.

ATOR 3 - Eia! Sus! Avante! Saiam todos para receber a flor da cavalaria que se aproxima!

DOM QUIXOTE - Assim ovacionado, o cavaleiro adentra o palácio e se vê diante da mais formosa das donzelas, que outra não é senão a própria filha do rei. No instante em que seus olhares se cruzam, eles quedam subitamente presos na insolúvel rede do amor. À noite, durante um festivo jantar, o rei expõe ao cavaleiro as circunstâncias de uma guerra feroz que acaba de travar com um poderoso reino. Sem mais delongas, o cavaleiro se oferece para colocar o seu coração e a sua espada a serviço do rei, partindo para a guerra. A princesa, temendo pela sua sorte, enche os olhos de lágrimas. Ele suspira. Ela desmaia. O cavaleiro parte, batalha, triunfa. Vence os inimigos do rei. Retornando à corte, pede a mão da princesa em paga dos muitos serviços prestados à coroa. Não suportando a conjunção de tantas alegrias, o rei morre. A princesa herda o reino. O cavaleiro torna-se rei.

Aplausos. Os atores guardam suas coisas e se arrumam para sair.

DOM QUIXOTE - E o seu primeiro ato real é dar ao seu leal escudeiro uma duquesa como esposa e uma ilha para governar. Compreendes agora, Sancho?

SANCHO - Sim, seu Quixote. Só falta agora a gente descobrir um rei que tenha uma guerra horrorosa e uma filha bem linda.

Os atores estão indo embora. Siomara está hipnotizada olhando tudo aquilo. Adélia e Ana Maria começam a se afastar.

ADÉLIA - Vombora, Siomara, tá bestando aí, é?

SIOMARA - Eu agora sou Suely Tamara, vou-me embora com o teatro, dona Adélia.

Enquanto elas discutem os atores vão se arrumando e saindo.

ADÉLIA - Você está louca?!

SIOMARA - Louca eu ia ser de ficar aqui, comendo aipim. Adeus!

ANA MARIA - Siomara...

ADÉLIA - E quando seu Quixana voltar, o que é que eu digo?

SUELY TAMARA - Sai correndo. Diga que pobre também sonha!

Ela se vira para ir com os atores e não resta mais nada do "Teatro" no palco.

NARRADORA T - Quando Suely Tamara olhou novamente, o teatro desapareci ao longe na estrada. E com ele o seu sonho de atriz: de pular de cidade em cidade, faminta e feliz.

Moral da história: agarre o seu sonho. Não dê bobeira, o mínimo descuido pode ser fatal.

9 – A PENITÊNCIA

DOM QUIXOTE – Vamos parar aqui, Sancho! A dureza dessas pedras e a solidão desses montes combinam bem com o meu espírito desiludido... Devo travar agora uma façanha com a qual atingirei a perfeição como cavaleiro enamorado.

SANCHO - E com quem é que o senhor vai lutar aqui, nessa montanha perdida, sem um pé de pessoa?

DOM QUIXOTE - Lutarei comigo mesmo, Sancho. Pretendo imitar os grande cavaleiro que quando desprezados por suas amadas se retiravam do mundo para fazer escandalosas penitências.

SANCHO – Oxente!

DOM QUIXOTE – Lembro-me de ter lido um livro de encantamentos e sortilégios, um verdadeiro tesouro de sabedoria, que vem a calhar para essa situação. Quando uma princesa é transformada por via de encantamento, deve o cavaleiro enamorado martirizar o seu corpo, rezar e jejuar, até que todas as nuvens do malefício sejam dissipadas... *Tira uma carta do bolso e a entrega a Sancho.* Enquanto isso, você levará esta carta à senhora Dulcinéia.

SANCHO – Uma carta? Eu? Mas, outra vez? Quando eu penso que desatei esse mandu, embola tudo de novo. Lá vou eu atrás de Dulcinéia.

DOM QUIXOTE – Sim. Sancho amigo. E até que você retorne com a resposta de Dulcinéia, até que me certifique que o encantamento se desfez e lhe foi devolvida a sua eterna beleza, eu não arredarei pé desta tenebrosa penitência.

Dom Quixote começa a tirar as roupas e a puxar os cabelos enquanto grita e geme.

DOM QUIXOTE – Hei de gritar aos céus o sagrado nome de Dulcinéia, e chorar todas as lágrimas e gritar até me faltar voz, e arrancar os cabelos em total desespero. Hei de fazer jejum, e rasgar as roupas, e andar nu por essas brenhas....

SANCHO - Andar nu? Ôxe... Agora Seu Quixote está exagerando...

DOM QUIXOTE – Ó, árvores que acompanham a minha solidão! Ó pedras que testemunham o meu padecimento! Ó, Dulcinéia dia da minha noite, norte do meu caminho. Ó....

SANCHO - Ó, Seu Quixote! Não faça isso! Eu vou num pé e volto no outro com a resposta de Dona Dulcinéia. Creia em Deus Pai!

DOM QUIXOTE - Diga a ela que não arredarei pé deste ermo sem que receba algum sinal seu. E que de agora em diante serei chamado: O Cavaleiro da Triste Figura!.

SANCHO - Agora o senhor acertou, Seu Quixote. Porque a figura que estou vendo é triste mesmo de se ver. Mas agora eu vou andando pra acabar logo com essa agonia... Pra mim já chega de penitência.

Sancho sai. A carta cai sem que ele veja. O coro, cantando o tema de Dulcinéia, se aproxima, envolve Dom Quixote e o leva para o segundo Balcão.

NARRADORA S – Tudo isso porque Dom Quixote cometeu a loucura de não querer ficar em casa, ouvindo os conselhos de Dona Adélia...

NARRADORA H – Enfim, enlouquecer ou não. É sempre a mesma velha tentação....

10 – CONSPIRAÇÕES – III

Padre, Sacristão e barbeiro se encontram na primeira galeria. Sansão entra e escuta a conversa dos dois.

PADRE – No cartório já está tudo certo. Já molhei a mão do tabelião pra ele arrumar a papelada.

BARBEIRO – Bom, agora a gente só precisa achar ele e trazer aqui pra assinar a escritura. Assim que ele assinar, o negócio tá fechado.

PADRE - A parte da Igreja pode deixar que eu garanto.

SANSÃO – *aparecendo.* E a parte da cavalaria pode deixar por minha conta!

BARBEIRO – Sansão! Mas o que é que você está fazendo aqui?

SANSÃO – Não precisa disfarçar que eu já sei de tudo. Vocês estão armando uma pra cima do velho.

PADRE – Nós?

SANSÃO – Colé seu padre? É melhor dividir por três do que não levar nada. Se Dona Adélia souber, vocês estão fritos.

SACRISTÃO – Ela já está desconfiada!

BARBEIRO – É o seguinte: Vamos encher uma caçamba com aquele monte de livros velhos da biblioteca da igreja e trocar com Seu Quixana pelas terras que ele ainda tem.

SANSÃO – E que ainda é muita terra.

PADRE – Pra que tanta terra na mão de um sujeito que perdeu o juízo?

BARBEIRO – É claro. Corre o risco, desses políticos, neste ano de eleição, acabarem desapropriando... só de fachada, pra fazer reforma agrária.

PADRE - É o que eu digo: é melhor ficar na mão da igreja.

SANSÃO – Concordo plenamente. Só que par isso ele tem que voltar pra casa. E é aí que vocês vão precisar de mim. Eu tenho um plano incrível, e o que é melhor: dentro da jurisdição da cavalaria andante. Não tem erro.

BARBEIRO – Então conte logo.

MARIA - *Entrando.* Seu Padre, eu tô procurando Reginaldo, meu marido, o homem sumiu e eu jurei que esse menino só vai nascer na frente do pai. Já perdi a minha casa, tô morando de favor, ô meu Deus do céu! Não sei mais o que fazer se não achar Reginaldo...

PADRE - Olhe, minha filha, eu agora estou muito ocupado, viu? Mas reze, tenha fé em Deus, que seu marido acaba aparecendo.

11 – A CARTA

Música

Do alto da segunda galeria, Dom Quixote vê Dulcinéia que entra no palco dançando. Ela pega a carta que Sancho deixou cair e lê, enquanto dança.

DOM QUIXOTE - *Do alto, olhando para ela.* Minha doce Dulcinéia, menos dura que a dureza do vosso desdém são essas pedra, que encharco com as minhas lágrimas, na esperança de que

venhais ver-me e constatar o triste estado a que chegou o vosso cavaleiro.

Por certo não imaginais os tormentos que afligem um coração enamorado quando distante da figura amada.

Este amor “é um fogo que arde sem se ver e na minh’alma tem posto um não sei que, que nasce não sei onde, e dói não sei porque.”

E eis que vos ofereço a maior prova de amor de quantas houver e haverá neste vasto mundo: aqui ficarei em jejum e penitência, até que se quebre o perverso encantamento que vos roubou a inigualável formosura!

Dulcinéia vai saindo e dobrando a carta.

Enquanto aguardo uma resposta às minhas suplicas ardentes, aqui permanecerei, solitário e eternamente devotado ao vosso serviço.

Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura.

Dulcinéia sai.

Fim da música

12 – CONSPIRAÇÕES - IV

Na primeira galeria, Sacristão, Padre, Barbeiro e Maria vêem Sancho que se aproxima.

SACRISTÃO - Aquele lá não é Sancho Pança, que saiu acompanhando Seu Quixana?

BARBEIRO - É ele sim. Ei, Sancho, onde está o seu patrão?

SANCHO – Boa tarde. Ele tá lá, chorando, gemendo, nu, balançando os quimba murcho. Dizendo que não sai de lá se eu não voltar com a resposta de Dona Dulcinéia. Onde é que eu encontro ela? Onde é a casa dela? Que eu tenho uma carta que Seu Quixote mandou pra entregar a ela.

BARBEIRO - Carta? Quem é essa Dulcinéia? O que é que diz a carta?

SANCHO - *Apalpa o corpo todo procurando a carta.* Dulcinéia é o nome

de cavalaria daquela Aldonza, filha de seu Lourenço.

BARBEIRO – Não faz mal. Já entendi. Mas o que ele vai fazer quando chegar a resposta de Dulcinéia?

SANCHO – *Continua a procurar a carta.* Ele vai seguir viagem até chegar a um reino onde ele vai ser imperador e me dar uma ilha pra governar.

PADRE - E que reino é esse?

SANCHO – *Continua a se apalpar.* Qualquer um que tenha uma guerra e uma princesa em perigo para ele salvar.

BARBEIRO - *Olhando para o padre significativamente.* Uma princesa, é? *Cochicha com o padre.*

SANCHO – *Não encontra a carta e começa a se esbofetear.* Maldita cabeça, perdi a carta! E agora está tudo perdido: sem carta não tem resposta, sem resposta ele não sai de lá, se ele não sair, não vira imperador e não me dá a minha ilha. Sou um miserável!...

BARBEIRO – Mesmo sem a resposta de Dulcinéia, pra salvar uma princesa ele saía?

SANCHO - Saía, porque pra isso é que existe a cavalaria.

BARBEIRO - Então você é um homem de sorte. Tudo está salvo! Aqui temos uma princesa em perigo. Quero lhe apresentar sua alteza, a princesa Micomicona...

MARIA - Eu?!

SANCHO - Seu Quixote não me disse que tinha princesa prenha.

BARBEIRO - *Puxando Maria para um lado.* Não precisa mais se disfarçar, Alteza. Pode confiar em Sancho Pança. Seu padre, conte aí a Sancho a história da princesa.

Padre abraça Sancho e se afastam conversando em silêncio.

BARBEIRO - *Para Maria.* Fique calada e seja princesa por um dia que você não vai se arrepender. O padre vai deixar você ficar morando na casa paroquial até seu marido chegar e seu filho nascer. Depois disso você recebe uma ajuda...

Faz gesto de dinheiro - para recomeçar sua vida. E faça cara de princesa.

PADRE - *Voltando com Sancho.* Então o gigante encantou a princesa fazendo aparecer essa barriga pra nenhum cavaleiro andante acreditar na sua história.

BARBEIRO – E se Dom Quixote aceitar o desafio e conseguir salva-la, em recompensa pelos seus serviços, o rei vai lhe dar metade do reino, que não é pouca coisa.

SANCHO – Então vamos lá.

Saem.

NARRADORA C – Não estamos aqui para fazer apologia ao sonho. Mesmo porque existem sonhos insanos, nefastos. Sonhos de levar vantagem em tudo, de qualquer maneira. Sonhos de construir prédios a baixo custo e alto lucro, mesmo que esses prédios desabem. Sonhos de ganhar da Previdência somas impensáveis para qualquer velhinha aposentada. Sonhos de ficar impune mesmo roubando a população inteira deste país.

NARRADORA M – Afinal o que temos a ver com isso? E o que esse tal de Dom Quixote tem a ver conosco?

NARRADORA H – O teatro! Mas o céu do teatro também tem anjos e demônios! Daí que, como tudo o mais, o teatro pode ser perigoso. É preciso estar atento e forte: todos nós podemos ser derrotados por um pobre jogo de cena.

NARRADORA T – Ah! Não Dom Quixote... Para mim, dom Quixote é um conhecedor do teatro. Um *connaisseur*! É mais que um ator, é um ator consciente que escolheu sua personagem, escreveu sua própria peça e fez do mundo seu palco. Tudo isso por acreditar piamente que a função do teatro é de apresentar um espelho á vida.

NARRADORA S – Nesse caso, nada mais justo para ele do que ser vencido por um golpe do teatro. Melhor ainda:

por um truque de espelhos, como em qualquer circo de periferia...

13 – A PROCISSÃO

Dom Quixote desce a montanha. Simultaneamente entra uma procissão cantando. Dom Quixote para e se vira para ver a procissão.

DOM QUIXOTE - Ei! O que estão fazendo? O que é isso que os meus olhos vêem? Isso é uma perfídia sem nome! Uma afronta vergonhosa! Pela minha espada de cavaleiro, eu vos ordeno que libertem imediatamente essa donzela! Está claro que a dama foi aprisionada, e que vai ali contra a sua vontade! Veja quanta tristeza em seus olhos!

A procissão se transforma num delírio de Dom Quixote. Música e coreografia. Dom Quixote investe contra os penitentes. A procissão se dispersa.

Aparecem Padre, sacristão, Barbeiro, Sancho e Maria. Seguram Dom Quixote.

DOM QUIXOTE - Façam de mim o que quiserem, mas libertem essa formosa donzela que estão levando como prisioneira

A procissão se recompõe . Volta a cantar.

SANCHO - O que está fazendo, seu Quixote! Essa senhora é a Nossa Senhora, é a imagem da Virgem Santa!

A procissão começa a seguir seu caminho.

DOM QUIXOTE - Senhora, assim que cessar o efeito da magia diabólica que me acorrenta, hei de vir libertá-la, e não haverá força humana capaz de me deter!

NOSSA SENHORA- *Para Dom Quixote, falando-lhe do andor. Salve, cavaleiro andante! Muitas graças por vossa cortesia. Oxalá*

neste malicioso século viesse à luz toda uma estirpe de nobres guerreiros com a metade da vossa grandeza. Ficai em paz, cavaleiro, e que a jornada lhe seja leve, já que sois feito da mesma matéria de que os sonhos são feitos. Ave!

A procissão e o grupo que conduz Dom Quixote vão saindo por lados opostos.

CORO – **Mas o meu sonho não dorme, não dorme.**

14 – O CAVALEIRO DOS ESPELHOS

**Se nas asas de sua imaginação
Esta cafua é um castelo encantado.
Cê tá fodido, tá na merda, meu irmão.**

Este castelo é só um cacete armado.

Os atores do Bando entram cena e sentam em semi círculo. Sansão fica no centro, em pé. Entra o barbeiro.

BARBEIRO – Sansão, tudo certo! Eu vim na frente... Dom Quixote está vindo com o padre. Vamos executar nosso plano. *Saem.*

Berna Rosa e Reginaldo vão para o centro.

BERNA ROSA – Regi , cretino! São seis meses te esperando! Você me deixou aqui abandonada. Cadê o meu dinheiro da desapropriação do meu sobrado do Pelourinho que o IPAC me pagou, cretino? Cadê os meus dólares?

REGINALDO - Troquei por reais. Investi na bolsa. A bolsa quebrou, rasgou, se fudeu...

Aparece outro grupo formado por Dom Quixote, Sancho, o Padre, o Barbeiro, o Sacristão e Maria. – E depois , - Entra a música tema de Dulcinéia, instrumental

– Eu descobri que Maria é minha vida
MARIA – Ô, meu Jesus! *Reginaldo percebe Maria.* Eu sou a vida dele! Regi, eu te amo.

Coro canta o final da música de Dulcinéia. Reginaldo corre para Maria, carrega-a nos braços. Saem.

BERNA ROSA – *Voltando a si e saindo de si.* Cretino, meus investimentos estão todos com você! Eu vou fazer essa mulher parir na frente da Lebara, pela boca!

Coro canta tema da luta. Berna Rosa faz um escândalo. Os atores do Bando se levantam do semi círculo, assustados. Saem. Entram Seu Barriga e Maria Rita com armas. Apontam o rosto de Berna Rosa.

SEU BARRIGA – Berna Rosa, se controle-se. *Berna Rosa sai.*

SEU BARRIGA – Maria Rita! Recolha as armas!

Seu Barriga percebe Dom Quixote.

SEU BARRIGA – Maria Rita! Traga as armas!

Apontam as armas para o grupo de Dom Quixote.

SEU BARRIGA – Alto lá!

PADRE – Que é isso Seu Barriga, fique calmo! Sou eu, o padre!

BARRIGA – Mas to vendo ai com você um caloteiro, que ta me devendo. E agora só vai passar se me pagar.

PADRE – Calma, Seu barriga. A Igreja paga tudo!

Barriga vacila, pondera. Entra o Barbeiro.

BARBEIRO – Seu Barriga, a Igreja paga!

Barriga se decide.

SEU BARRIGA – Já que a igreja paga...

Ô Maria Rita, guarde as armas. *Maria Rita leva as armas.* Entrem, podem entrar. Vamo entrando. *Todos entram.*

BARBEIRO – Dom Quixote! Acaba de surgir uma excelente oportunidade para coroar de êxito a sua carreira de cavaleiro andante! Chegou a este castelo um oponente a sua altura. O famigerado Cavaleiro dos Espelhos, ele veio até aqui atraído pela fama de suas façanhas, e quer desafia-lo para um combate mortal.

DOM QUIXOTE – E ele é de fato cavaleiro?

BARBEIRO – Sem a menor dúvida. Ele foi batizado aqui mesmo, neste castelo com toda pompa e circunstância. É um adversário feroz e nós vamos entender perfeitamente se o senhor se recusar a travar esse terrível duelo.

DOM QUIXOTE – Ninguém jamais dirá que Dm Quixote fugiu á luta. Que entre o Cavaleiro dos Espelhos!

Entra o Cavaleiro dos Espelhos seguido pelo coro.

CORO – **O bicho pega!**
O bicho pega!

DOM QUIXOTE – Estranho. Eu conheço bem meus inimigos. E nunca tive o menor vislumbre de sua figur...

CAVALEIRO – Salve o – até então – imbatível Dom Quixote de La Mancha! Sou o Cavaleiro dos Espelhos, e venho enfrenta-lo num decisivo combate! Mas antes de entrarmos em luta o senhor deverá fazer um juramento por sua honra de cavaleiro.

SANCHO – isso ta me cheirando a tramóia...

CAVALEIRO – quero que empenhe sua palavra prometendo que, caso seja vencido, retornará a sua casa e lá ficará pelo prazo mínimo de um ano... e sem pegar em armas. Jure!

SANCHO – Seu Quixote, em baixo desse angu tem carne..

DOM QUIXOTE – Não importa, Sancho! Nunca ouvi falar desse cavaleiro, mas se ele veio até mim, é porque esta aventura me estava destinada. Pois bem! Eu Juro! Ao combate.

Música - Tema do Dragão

Lutam. O coro envolve os dois. Quando se dispersa vê-se Dom Quixote no chão e o cavaleiro segurando sua espada, com o pé apoiado em suas costas. Tira a máscara.

Fim da música

SANCHO – Eu vi esse cara na casa do Padre.

Padre, Barbeiro e Sacristão agarram Sancho e o jogam no chão. Sansão deixa cair a espada e sai com o Padre, o sacristão e o Barbeiro.

SANCHO – *Para Dom Quixote.* Mas rapaz.. Você não toma jeito, não é?

15 - A VOLTA

Percussão

A morte aparece no primeiro Balcão.

Dança sua vitória.

NARRADORA C-

**Venham ver o cavaleiro
Do Quixote , o justiceiro!
Consumado, consumido,
Sem armas e ilusões , foi abatido.**

DOM QUIXOTE – Agora tudo ficou claro. E o que era, era mentira.

SANCHO – Não fique assim, Seu Quixote. Veja bem que essa história de cavaleiro foi armação, foi treita...

DOM QUIXOTE – Não Sancho. Não adianta. Acabou tudo. Onde está aquele dinheiro que eu lhe dei para guardar no início da viagem?

SANCHO – Ta bem guardado.

DOM QUIXOTE – Pois pode ficar com ele.

É pouco. Eu não pude lhe dar uma ilha, mas se todo um reino tivesse, eu lhe daria como recompensa por sua grande lealdade. Agora vou pra casa. Vim, Vi e fui vencido.

LOUCO – *Entra montado num cavalinho de pau.* Agora sou Dom Quixote. Afastai-vos! E não tenteis me deter! Vou em busca da glória, e não terei descanso enquanto o meu nome não estiver gravado na voz dos menestréis e nas páginas da História!*Passa galopando, atravessa a cena sob os olhares de Dom Quixote e Sai.*

DOM QUIXOTE – Basta.

ADÉLIA – Seu Quixote! Ele está aqui, Ninha.

SIOMARA – Seu Quixote!

ANA MARIA – Seu Quixote!

DOM QUIXOTE – Dom Quixote já morreu. Quem está aqui é Alonso Quixana. Que também não demora a se despedir. *Entram o Barbeiro, o Padre, o sacristão e Sansão. Observam atentos.* Mas ante disso, Sancho, vou chamar o escrivão e fazer saber, a quem interessar, que o que resta dos meus haveres, o pouco que não desbaratei nas minhas andanças, ficará para essas boas mulheres... e para você. Dividido igualmente.

Sansão, o Barbeiro, o Padre e o Sacristão saem furiosos.

ADÉLIA – *Para Sancho.* Era só o que faltava! Peste!...

DOM QUIXOTE – E agora quero ir para casa, para morrerem paz. *Vai saindo conduzida pela s amas.*

SANCHO – Ai, não morra não, Seu Quixote. *Adélia pára e impede-o de seguir Do Quixote.* Não morra por favor. Só um homem pode querer morrer assim à toa, sem ninguém lhe matar, a não ser a tristeza.

DOM QUIXOTE – *Volta-se para Sancho.* O mundo já não precisa de cavaleiros andantes, Sancho. *Sai com as amas, que o deitam na cama.*

ADÉLIA – *Para Sancho.* Já ouviu? Já está satisfeito? Pois se pique daqui! *Vai para a cama de dom Quixote. Durante a cena seguinte pegam uma cesta de costura e começam a trabalhar com um barbante que Adélia tira da cesta.*

JOANA PANÇA – *Entra empurrando a filha, Sanchica, num carrinho.* Sancho Pança! Mas isso é jeito de você voltar pra casa , homem? A pé, todo acabado, e com a cara mais de desgovernado do que de governador!

SANCHO – Mas Joaninha...

JOANA – Não tem Joaninha certa! Dacd6e a ilha? A maravilha toda que você me prometeu?

SANCHICA – Paiê, eu vou ser Duquesa?

SANCHO – Não, quer dizer, mais ou menos. Aliás... É o seguinte, minha Joaninha: ilha mesmo, Seu Quixote não me deu não, porque tava difícil, não sabe? Mas olhe! Ele me deu dinheiro, o resto do dinheiro todo! E tem mais: ainda vai me dar um pedaço das terras.... com papel, escrivão e tudo.

JOANA – As terras, é, Sancho?

SANCHO – É. Mas Joaninha, você só fica perguntando de ilha, de terra, de dinheiro... Venha cá, você não tava com saudade de mim não, foi?

JOANA – Tava sim, Sancho.

SANCHO – Então vombora pra casa, pra gente nhar... *Saem levando o carrinho de Sanchica.*

Música

16 - FINAL

CORO – **Os nossos dotes nem sempre são bons.**

A cada verso do coro a Morte se aproxima de Dom Quixote.

DOM QUIXOTE – Eu me entitulei o reparador de injustiças, o defensor das donzelas. Mas só consegui levar mais aflição aos aflitos. E as donzelas, ah! As donzelas sabem muito bem cuidar de si mesmas!

CORO – **Ainda bem que temos outros dons.**

DOM QUIXOTE – Entre feitos e façanhas, eu esqueci o principal. Cultivei a honra, a coragem, os altos ideais... Mas em toda a parte só me pediam dinheiro! A bolsa ou a vida! Como não cuidei de encher a bolsa, fui pagando com pedaços de minha vida!

CORO – **O dom de sonhar, o dom de ser forte.**

DOM QUIXOTE – e digam ao autor dessa história que me perdoe; lamento muito se minha vida lhe deu motivo para escrever tantos disparates.

CORO – **O dom lutar desafiando a morte...**

DOM QUIXOTE – agora chamem o tabelião para atestar, que aqui jaz Alonso Quixana, o Bom. Em verdade morreu em sã consciência e em plena posse de seu juízo.

CORO – **O dom de saber que se tem outros dons.**

DOM QUIXOTE – E faço saber, nesse transe, que renego Dom Quixote, personagem que nesse mundo eu estava destinado a representar, sem nenhum sucesso. E peço perdão a todos por te-lo feito viver neste palco.

CORO – **O dom de ter algum dom que se chame...** *Neste momento Ana Maria cortaria o barbante, mas se detém.*

NARRADORA A – *Saindo da Platéia e se dirigindo para a cama de dom Quixote.* Ânimo, cavaleiro! Veja! Mais uma vez vai começar um tempo novo! *Pega Dom Quixote pela mão e o traz para a platéia.* Não é hora de desistir! Está pronta a catedral onde velaremos nossas armas, nossas crenças! Está pronto o seu castelo encantado! Aqui tudo muda de forma e feição, a cada instante. Aqui nada é o que parece. Aqui fabricamos ventos e moinhos, exércitos, gigantes, o canto das sereias, a dança de Dulcinéia. Venha! A aventura apenas começou. Temos muito trabalho a fazer! Ânimo!

DOM QUIXOTE – Pra mim já é muito tarde. Só pra mim nasceu Dom Quixote, e eu pra ele. Era um sonho. Agora só desejo um sono sem sonhos.

Música – Fusão dos temas Dulcinéia e do Dragão.

Dulcinéia desce do urdimento e enfrenta a Morte. Dançam uma luta enquanto o coro canta. Os atores do coro descem do urdimento, cantando, pendurados em coradas. Dulcinéia termina a luta tirando a máscara da Morte.

NARRADORA A – Venha, cavaleiro! O teatro está pronto! Que a morte espere! Estamos ocupados com mais uma mudança de cena. Venha! Você é um de nós! Seres mutáveis, encantados!

Venha! Vamos construir nosso próprio enredo! Nossas próprias máscaras! Vamos cavalgar nosso sonho no vasto palco do planeta!

Dulcinéia vira porta estandarte e a Morte, Mestre Sala. Sancho entra, vestido de puxador de samba, Com Joana Pança e Sanchica de passistas.

16 – O SAMBA

17

que somente os dementes, os loucos, os teatros,
os corações, catedrais, os palhaços,
podem vencer os dragões aliados
aos caminhões e aos supermercados.

Se retornando à minha loucura
devolvo a esperança que o mundo procura
vou proclamar editais e mandatos
desaposentar dinastias, deputados.

A inocência, a essência do sonho devolva
os sais abissais do amor às alcovas
desta casa onde casa e se cria
um degrau da minha catedral,

teatro do ator que recria
Quixotes de Espanha, La Mancha e Bahia.

E pelo arauto no alto do palco
onde o mito vomita uma história
substrato de toda história

o canto do bode
espermatozóide
e o homem na prece do samba-enredo reconhece

que somente.....(repete).

Dom Quixote
Sancho Pança
Dulcinéia

Teleco xote Quixote de lá
Teleco xote Quixote de cá

Teleco xote Sancho Pança Dulcinéia
Quixote no Vila Velha
Quixote vem adorar

Ó Senhor
Salvador
Das donzelas
Sentinela
Terceiro varão
Que a Teresa deu a mão
a mão

Que o meu sonho não dorme.
Não dorme.
O meu sonho não dorme.
O meu sonho não dorme.